

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

HISTÓRIAS DA HISTÓRIA: NARRATIVAS DE HISTORIADORAS SOBRE O
PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA /UFU

ELISÂNGELA MARTINS RIBEIRO

ELISÂNGELA MARTINS RIBEIRO

HISTÓRIAS DA HISTÓRIA: NARRATIVAS DE HISTORIADORAS SOBRE O
PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA /UFU

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, Julho de 2005

RIBEIRO, Elisângela Martins, (1979).

Histórias da História: narrativas de historiadoras sobre o processo de organização do curso de História /UFU

Elisângela Martins Ribeiro – Uberlândia, 2005.

64 fl

Orientadora: Célia Rocha Calvo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Narrativas orais, Curso de História, historiadoras.

ELISÂNGELA MARTINS RIBEIRO

HISTÓRIAS DA HISTÓRIA: NARRATIVAS DE HISTORIADORAS SOBRE O
PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA /UFU

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Célia Rocha Calvo – Orientadora

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Prof^a. Dr.^a Dilma Andrade de Paula

AGRADECIMENTOS

A Deus, que possibilitou a realização de mais esta etapa em minha vida.

Ao meu pai, minha mãe e meu irmão, que sempre me deram apoio, incentivo e carinho.

A minha orientadora Prof^a. Dr.^a Célia Rocha Calvo, não só pela excelente orientação, mas também pela paciência, sensibilidade e principalmente sua eficiência no trabalho intelectual que só cresce e aprimora em virtude da sua constante busca.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida e à Prof. Dr.^a Dilma Andrade de Paula que aceitaram ler e avaliar este trabalho.

Ao Prof. Ms. Leandro José Nunes, coordenador do Curso de História, pela atenção e disposição com que sempre me atendeu e principalmente pelo apoio dado ao meu crescimento enquanto pesquisadora.

As professoras Dr.^a Heloísa Helena Pacheco Cardoso, Dr.^a Maria Clara Tomaz Machado, Dr.^a Maria de Fátima Ramos de Almeida e Dr.^a Christina da Silva Roquette Lopreato que tanto contribuíram para a realização deste trabalho com suas narrativas.

A todos os professores e colegas do Curso de História.

A todos os funcionários do Instituto de História.

Aos amigos Gilmar Alexandre, Sandra Rosa e Janaína, que acreditaram na viabilidade desta pesquisa.

Ao PIBEG que financiou minha bolsa de iniciação científica por um ano no projeto intitulado *Atuação do profissional de História: da academia ao exercício cotidiano da profissão. Análise da formação do graduado, diagnóstico e alternativas de mudanças.*

“Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida”.

Alessandro Portelli¹

¹ PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Houry. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto de. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004. p. 300.

SUMÁRIO

Resumo	06
Apresentação	07
Capítulo I – “O tempo do imprevisto”	19
Capítulo II - A formação do historiador	41
Considerações finais	58
Fontes	61
Bibliografia	63

RESUMO

Este trabalho lida com narrativas de historiadoras no processo de organização do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia e tem como objetivo interpretá-las, apontando caminhos e significados desse processo. Assim, busquei refletir sobre o Curso de História a partir das memórias vividas, mostrando como se deu o processo de organização do Curso a partir das narrativas das historiadoras que participaram desta organização, os problemas dos Cursos de Estudos Sociais e das Licenciaturas plenas. Também busquei como problemática a formação do historiador lembrada pelas entrevistadas.

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem como tema as narrativas de historiadoras sobre o processo de organização do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, que surgiu a partir do meu interesse em conhecer melhor o Curso do qual eu também faço parte e que não pode ser pensado isolado dos sujeitos que pensam, vivem e o constroem.

O contato com este tema foi possível a partir do projeto de pesquisa *Atuação do profissional de História: da academia ao exercício cotidiano da profissão. Análise da formação do graduado, diagnóstico e alternativas de mudanças*, financiado pelo PIBEG, do qual participei enquanto estudante-bolsista no período de um ano. Cabe ressaltar que este projeto foi desenvolvido também pelos colegas Maria Gisele Peres, Orlanda Rodrigues Fernandes, Cristiane Rodrigues Soares, Juliana Rossi e Vinícius Duarte Ferreira, sob orientação dos professores Ms. Leandro José Nunes, Dr. Paulo Roberto de Almeida e Dr.^a Célia Rocha Calvo.

Este projeto surgiu da necessidade de entender os preceitos legais das novas Diretrizes Curriculares dos Cursos de História, considerando que *alterações curriculares capazes de melhorar realmente um curso não devem ficar restritas a uma adaptação à lei, devem levar em conta o perfil do profissional desejado, bem como pontos capazes de garantir a excelência do ensino e da formação do historiador*¹.

Nesse sentido, fez-se necessário analisar o atual currículo, implantado a partir reformulação de 1991, no qual foi introduzido o Curso de Bacharelado em História, tornando-se obrigatória a produção de uma monografia para a finalização do Bacharelado e da Licenciatura.

Tendo em vista a configuração do Curso de História no ano de 2004, buscamos compreendê-lo através de três frentes de pesquisa: entrevistas com ex-alunos do curso, a catalogação e análise das monografias produzidas pelos alunos, e a análise do currículo do curso, juntamente com

¹ PROGRAD /Coordenação do Curso de História /INHIS /UFU. 2004.

a realização de entrevistas com professores e alunos. Assim seria possível compreender por meio das diferentes frentes de pesquisa o modo como o curso foi organizado, de que maneira ele formava e tecia relações com os pesquisadores da cidade e região, de que modo se fazia, ou não, presente na vida e no trabalho dos alunos que foram formados na instituição.

Como pesquisadora deste projeto, atuei na realização e transcrição de entrevistas com professores e alunos do Curso de História. Fazendo parte desta frente de pesquisa, tive um conhecimento maior do Curso de História, principalmente a partir das entrevistas realizadas com as professoras que estão no curso desde a sua implantação. Através destas narrativas, foi possível compreender ainda que, a reforma curricular pela qual o curso está passando, não é única na sua história, mas que outras também ocorreram e foram significativas para a sua estrutura atual.

Assim, minha participação como pesquisadora nesse projeto, fez com que eu pensasse de maneira mais reflexiva minha própria formação de historiadora, bem como sobre o percurso do Curso de História a partir das narrativas das professoras Heloísa Helena Pacheco Cardoso², Maria Clara Tomaz Machado³, Maria de Fátima Ramos de Almeida⁴ e Christina da Silva Roquette Lopreato⁵. Estas narrativas possibilitaram-me conhecer melhor o processo de estruturação deste curso que é construído a cada dia pelos sujeitos que estão inseridos nele, sendo um espaço de relações, de lutas e de trabalho. A partir destas narrativas foi possível pensar a proposta deste trabalho de monografia, uma vez que as entrevistadas chamaram a minha atenção pela maneira diferenciada como cada uma delas se recordava do curso.

Desta forma, procuro refletir sobre o processo de organização do curso na *expressão das temporalidades de memórias compostas como*

² Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo.

³ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e diretora da Editora da UFU (Edufu). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

⁴ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora do Centro de Documentação da História (CDHIS). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

⁵ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora pela UNICAMP.

*lembranças sobre as relações vividas*⁶, não sendo meu objetivo principal ater-me a meras datações. Assim, é possível pensar o tempo histórico, não como um tempo cronológico, mas sim como um tempo carregado pelos sentidos e significados elencados pelos sujeitos históricos, na maneira de lembrar os espaços de suas ações e com isso de situarem-se enquanto portadores de histórias nestes espaços de relações⁷.

Assim, o curso foi pensado focando os sujeitos como sendo os construtores desse espaço social em suas escolhas e trajetórias diferentes ou ainda refletindo sobre as diferentes maneiras de se pensar o valor da história e da formação do historiador. Cabe dizer que, a partir da minha atuação nesta frente de pesquisa, que englobou a realização e transcrição de entrevistas, adentrei a um processo reflexivo sobre a história oral que é, com efeito, uma profícua fonte de pesquisa para o historiador.

A partir disso, busquei conhecer melhor a metodologia de História Oral, ressaltando a importância das narrativas para um conhecimento mais amplo deste curso. Assim, na semana de História de 2004, participei do mini-curso intitulado *Histórias, memórias e narrativas orais* ministrado pelos Profs. Dr. Paulo Roberto de Almeida, Ms. Sérgio Paulo Morais e Renato Jales Silva Júnior, que me trouxe novos subsídios para o desenvolvimento desta monografia e do trabalho com as narrativas.

Este mini-curso possibilitou-me primeiramente conhecer as três principais tendências acerca da metodologia de História Oral, uma vez que os ministrantes abriram o curso apresentando as três principais concepções existentes acerca da mesma e, logo em seguida, deixaram claro qual era o posicionamento do grupo.

Para alguns historiadores, esta fonte de pesquisa não deve ser levada em consideração, apenas a documentação escrita é válida; para outros esta metodologia é tratada como história de vida; e por último, existe a concepção de que a história oral é uma fonte de pesquisa como todas as

⁶ CALVO, Célia Rocha. Cultura e cidade: Uberlândia, espaços, memórias e vivências. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz. PATRIOTA, Rosângela. (orgs). **Histórias e Historiografias: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 371-397.

⁷Idem.

outras; assim é vista como uma interpretação da realidade e que deve ser tratada com as suas peculiaridades. Nesta última tendência se englobam estes professores e também minha concepção desta fonte de pesquisa.

Durante a realização deste mini-curso, foram realizadas algumas leituras sobre o assunto, merecendo destaque o trabalho da professora Yara Aun Khoury que trata história oral sob o mesmo viés deste mini-curso, como uma fonte de pesquisa, sendo uma interpretação da realidade:

...Tomando, então, as narrativas como atos interpretativos, como processos constantes de distribuição de significados, como expressão de consciência de cada um sobre a realidade vivida, dialogar com as pessoas supõe apreender os sentidos que cada um dos fatos narrados e das pessoas que narram assume nas problemáticas que estudamos.⁸

A narrativa é organizada na consciência da pessoa mediante aquilo que o entrevistador perguntou. Para além disso, as pessoas constroem o seu enredo de acordo com as experiências vividas.

Neste mesmo texto, a autora chama a atenção para a relação entre história oral e memória, dizendo que através das narrativas temos um contato com a memória de cada indivíduo:

A interlocução com pessoas nos põe em contato mais direto com os trabalhos da consciência e da memória de cada um, estimulando nossa própria consciência da dimensão política desse diálogo intelectual.⁹

A autora recoloca também em discussão a questão de trabalharmos o estranhamento ao dialogar com o outro. É preciso estarmos dispostos a isto, para percebermos as práticas sociais:

⁸ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. p. 123. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto de. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004.

⁹ Idem. p. 122.

...Ao procurarmos fazer da entrevista um espaço aberto para a construção de um diálogo efetivo, esbarramos sempre em obstáculos, por vezes dificilmente perceptíveis e, por outros, causando-nos estranhamentos. Entendemos esses obstáculos como expressões de fronteiras sociais e culturais, físicas e imaginárias, e por meio das quais nos comunicamos. Estas se constituem e se desdobram de modo bem mais complexo do que podemos imaginar, em todas as dimensões do social. As pessoas são um amálgama de muitas experiências que se constituem e se transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas.¹⁰

Então, para “ouvir” o outro, precisamos abrir mão das nossas certezas, uma vez que o foco da investigação da história oral são os sujeitos, vivendo o seu enredo. A experiência é social e compartilhada na sua experiência de vida.

Outro autor importante trabalhado durante a realização desse minicurso, foi Alessandro Portelli. Este faz algumas considerações a respeito do tempo narrado pelo entrevistado que não tem a lógica que nós criamos:

O fato de um relato ser um confronto com o tempo está implícito na tentativa de gravar um tempo especial em que ele pode ser colocado – um tempo fora do tempo, um tempo sem tempo.¹¹

Aqui o autor considera que um relato pode estar fora do tempo, ou seja, a temporalidade da memória pode não ser, na maioria das vezes, cronológica; assim é possível pensá-la de outra forma que não seja a do tempo “útil”. Portanto, se um entrevistado altera uma data, isso não quer dizer que ele esteja errado, quer dizer que aquela determinada data, representou alguma coisa para ele. Então ao trabalhar com esse tipo de fonte, não podemos dizer que existe uma mentira exatamente por não haver uma verdade: tudo depende do referencial de cada pessoa com relação ao fato.

¹⁰ Idem. Ibidem. p. 126.

¹¹ PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury. In: In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto de. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004. p. 296-313.

Relacionando o que Portelli coloca a respeito do “tempo” do narrador, às entrevistas realizadas por mim, pude perceber que o entrevistado não tem uma preocupação primeira com datas exatas, e muitas vezes, já deixa claro que pode se enganar com as mesmas em determinados acontecimentos, ou nos leva a refletir o tempo colocado por ele de outra maneira. Como pode ser observado no caso de professoras do curso que quando vão falar de um determinado período refere-se a ele de outra forma, que pode ser a partir da sua trajetória de vida: *Quando eu era aluna* ou *quando eu comecei a dar aula no curso*. Distinções como estas podem estar relacionados com tempos distintos em sua memória. Podemos indagar: qual ano foi aquele que a professora foi aluna? Como era o curso naquele momento? Que tempo é esse em que ela tornou-se professora? O que mudou daquele momento para o outro? Nesse sentido, o tempo referido pelas professoras foi perceptível de outra maneira.

Alessandro Portelli, a respeito da temporalidade da memória coloca ainda que:

*Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida.*¹²

Outra atividade bastante interessante do mini-curso de história oral foi a realização da análise das entrevistas realizadas por estes professores, onde tivemos a oportunidade de refletir junto com os mesmos, as diferentes interpretações, caminhos e significados das narrativas dos sujeitos, que eram o foco das nossas investigações.

Associar as entrevistas e transcrições que realizei, com as leituras realizadas neste mini-curso, bem como as discussões que foram desencadeadas, me fizeram refletir melhor sobre meu próprio trabalho com as narrativas orais, e assim buscar outras leituras que ajudassem a ampliar minha compreensão acerca da pesquisa com as fontes orais.

¹² PORTELLI, Alessandro. Idem. p.300.

Assim, busquei outros trabalhos de Alessandro Portelli e destaco aqui algumas considerações relevantes que ele faz a respeito do trabalho com a história oral. No dizer do autor, o historiador tem que levar em consideração que as experiências dos indivíduos se dão no social, mas cada um assimila de uma forma, portanto, este tipo de fonte nos oferece um campo de possibilidades reais ou imaginárias, uma vez que é um processo de lembrança, onde o indivíduo constrói o seu enredo a partir da sua memória, que está sujeita, dentre outras coisas, ao esquecimento:

*A História Oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias.*¹³

Esta questão me ajuda a refletir melhor aquilo que emerge nas narrativas das minhas entrevistadas, que compartilharam algumas experiências, mas cada uma as assimilou de acordo com sua vivência.

Considero a História Oral uma fonte de pesquisa, sendo uma interpretação da realidade que deve ser considerada e criticada com a suas particularidades. Todavia, não devemos perder de vista que trabalhar com narrativas é muito diferente de trabalhar com outras fontes. Neste sentido, esclareço que as falas das narradoras neste trabalho, aparecem exatamente como elas disseram. Sendo assim, não possuem a mesma racionalidade do texto escrito, o que é completamente natural.

Ao realizarmos uma entrevista, devemos deixar o entrevistado despreocupado, mas temos que procurar compreender aquilo que não foi dito, mas que ficou nas “entrelinhas”. Cada silêncio, cada riso, cada choro tem significados e cabe ao historiador interpretá-los. Trabalhar com depoimentos orais significa uma valorização dos sujeitos, sendo uma possibilidade de pesquisa, dentre várias, como por exemplo, as escritas oficiais ou os jornais.

¹³ PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos e história Oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas**. Revistas dos cursos de Graduação e do programa de Pós-Graduação em História da UFU. Uberlândia. EDUFU, 2001/2002, p.9-26 e 27-54.

As leituras acerca da metodologia de História Oral foram realizadas para compreender o significado deste tipo de fonte de pesquisa para o historiador, e assim refletir sobre as diferentes maneiras de lembrar o próprio processo de organização do Curso de História pelas professoras.

Embora existam vários professores no curso, escolher as professoras Heloísa, Maria Clara, Maria de Fátima e Christina, para a realização desta pesquisa, justifica-se não apenas pelo fato delas estarem há muito tempo no curso, mas principalmente, porque durante suas trajetórias individuais, lembraram este processo de maneira diferenciada.

As professoras Heloísa e Maria Clara são moradoras da cidade de Uberlândia, onde fizeram seu curso de História, quando este estava no âmbito da Faculdade de Filosofia. Concluíram a graduação nesta cidade e tiveram que ir para São Paulo para fazer o Mestrado e o Doutorado. A professora Maria de Fátima veio do Norte de Minas para terminar seus estudos em Uberlândia, em outro momento do curso. A professora Christina cursou Ciências Sociais, em São Paulo vindo ministrar aulas no curso de História, também em outra época, já com os créditos do Mestrado concluídos. Assim foi possível pensar este curso nestes diferentes modos de lembrar.

Para a realização desta pesquisa busquei também outras fontes que tratam a situação do ensino de História, que há muito vem sendo discutida pela comunidade de historiadores, sobretudo nos anos 1980 e 1990, uma bibliografia que é reflexo dessa discussão, acontecida em grandes centros como São Paulo. Estes trabalhos foram frutos de debates e discussões realizadas pelos professores da Rede Pública e também da Universidade.

A autora Sônia L. Nikitiuk¹⁴ organizou o livro *Repensando o Ensino de História*, composto por cinco artigos, dentre os quais, o primeiro é de sua autoria. Todos eles trazem reflexões importantes para que o Ensino de História torne-se cada dia melhor. Neste trabalho, pude destacar dois destes artigos que é o de Ubiratan Rocha¹⁵, intitulado “*Reconstruindo a História a*

¹⁴ NIKITIUK, Sonia Maria Leite. (org). **Repensando o Ensino de História**. 4ª.ed. São Paulo, Cortez, 2001. 93p.

¹⁵ ROCHA, Ubiratan. “Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno”. Idem. p. 47.

partir do imaginário do aluno” que se tornou relevante para minha pesquisa, pois ele destaca a questão do currículo dizendo que o mesmo é uma peça-chave no condicionamento do discurso escolar, fornecendo as principais diretrizes para as ações de controle social. Desempenha o papel de atravessamento. Por mais progressista que possa ser um currículo proposto, ele não deixa de representar o imobilismo, já que a realidade é tão rica e dinâmica que este jamais poderá captá-la. Segundo o autor, o currículo constitui o ponto de vista de um determinado grupo hegemônico num dado momento. Já o “currículo real”, por outro lado, poderá propender para um maior ou menor grau de alienação ou consciência em face dos agentes envolvidos na prática cotidiana, tal a autonomia relativa do estabelecimento frente às outras instâncias.

O outro artigo a ser destacado é o de Arlette Gasparello¹⁶, sob o título “*Construindo um novo currículo de História*” que situa a questão do ensino de História no campo do currículo. Para a autora, o currículo interfere na consciência crítica do aluno. Ela coloca que falar de ensino é penetrar no campo do currículo. Este texto me ajuda também a entender a década de 1980 que, segundo a autora, foi um período propício ao favorecimento de uma abordagem crítica das questões educacionais, diante das transformações ocorridas no contexto sócio-econômico e político desta década, enquanto que a anterior, foi um período de repressão e autoritarismo.

Ambos os artigos contribuíram para minha compreensão do que as narradoras me disseram a respeito da formação oferecida pelo curso. Sendo assim, busquei estes textos, no sentido de entender melhor a importância do currículo do Curso de História para a formação dos graduandos, acreditando que ele, como disseram as narradoras, interfere na formação dos alunos e que, conseqüentemente vai determinar a atuação destes educadores.

Outro autor que me ajuda a pensar o Ensino de História é Marcos A. Silva, em seu livro *História: o prazer em ensino e pesquisa*, que vem neste

¹⁶ GASPARELLO, Arlete Medeiros. “Construindo um novo currículo de História”. In: NIKITIUK, Sônia Maria Leite. (org). Op. Cit. p. 77.

trabalho, chamar nossa atenção para problemas que o professor enfrenta, tais como a questão salarial:

*...Os profissionais de História que atuam nesses mundos enfrentam graves barreiras no desenvolvimento de suas atividades. A mais clara de todas é a salarial, que, ao longo de décadas, no Brasil, tem produzido visíveis relações de subemprego também nas áreas de ensino e pesquisa – insuficiência de remuneração para garantir um mínimo de sobrevivência, inevitável acúmulo de múltiplas ocupações, freqüente autodepreciação intelectual...*¹⁷

Continuando esta linha de raciocínio, esta obra tem me servido de apoio para uma melhor compreensão de outros problemas importantes relacionados ao anterior, quando o autor faz algumas considerações acerca da falta de autonomia do professor:

*“... [a] escassa autonomia no trabalho, como se verifica em legislações repressivas, desdobradas em regras e práticas gerenciais do mesmo teor, grande peso para a burocracia, cargas horárias que esgotam o tempo para leituras e reflexões permanentes, inexistência ou obsolescência de materiais específicos à área de conhecimento...”*¹⁸

Diante de todos estes impasses enfrentados pelos professores do ensino básico, este livro me ajuda a pensar em alguns destes problemas enfrentados pelos mesmos, como as imposições legislativas e assim relacioná-los com a própria organização do Curso de História, que durante seus 40 anos de existências, sofreu diversas reformulações, principalmente para se adequar às legislações vigentes.

Pensando ainda no ensino de História, outra importante autora que me ajuda a pensar a proposta desta pesquisa é Selva Guimarães Fonseca¹⁹ em seu livro *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Segundo Marcos Silva – responsável pelo prefácio da obra - Fonseca tem como principal

¹⁷ SILVA, Marcos Antônio Da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo, Brasiliense, 1995. 100p.

¹⁸ Idem.

¹⁹ FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas, SP, Papirus, 1997. 230p.

qualidade, a sua capacidade de expor múltiplas histórias de vários mestres, abrangendo trajetórias de vida a partir de diferentes décadas, que se expressam em experiências, posturas políticas, vivências familiares, situações de carreiras, dentre outras.

Segundo Marcos Silva, a autora coloca uma questão central que foi percebida no seio das histórias de vidas dos professores que ela trabalha durante sua obra: a experiência do ensino se articula com a formação acadêmica e os quadros institucionais (legislação, relações com superiores hierárquicos, situações políticas gerais), mas assume uma configuração específica na situação de sala de aula e em seus desdobramentos de planejamento, execução, recepção dialógica e avaliação, definindo uma cultura escolar que não se reduz àquelas outras instâncias. Daí a necessidade de, na análise do ensino de história, (e das demais disciplinas escolares), ir além de uma perspectiva reprodutivista para poder entender que lecionar é inventar saberes próprios à sua situação de trabalho. É na superação de qualquer veleidade reprodutivista do ensino, que as histórias de vidas dos professores, reconstruídas na obra, revelam sua maior riqueza, fazendo ver como os trajetos de trabalho foram elaborados.

Este livro me ajuda a pensar novamente na preocupação que os professores do Curso de História tiveram e têm a respeito do processo de organização do mesmo, articulado com a formação oferecida aos alunos, quando Fonseca diz que a experiência do ensino se relaciona com a formação acadêmica e com os quadros institucionais.

Esta obra de Fonseca também me ajuda a entender o meu tema de monografia, porque tal como a autora trabalha com as experiências de vidas de vários professores para problematizar o Ensino de História, irei trabalhar com as vivências das professoras do Curso de História, para interpretar a partir de suas narrativas, o processo de organização do mesmo. Reconstruir trajetórias de vida para Fonseca significa:

*... Recuperar os diferentes sentidos e significados que os sujeitos dão às suas experiências, e o modo como constroem e reconstroem suas identidades.*²⁰

Todas estas leituras realizadas me ajudaram a compreender que a prática do historiador, seu compromisso social está imbricado nos debates que historiadores fizeram e continuam a fazer sobre a valorização da história e da sociedade. Questões como estas se articulam com as preocupações das narradoras desta pesquisa, que durante suas trajetórias, pensaram e discutiram o ensino, bem como a formação oferecida.

Pensar o ofício do historiador para os autores, bem como os métodos, a relação dos professores com os alunos é, pensar o próprio fazer da história na sociedade. Tal como esses autores, as professoras do curso de História pensaram e discutiram seus ofícios, quais os problemas que enfrentavam e enfrentam e qual era o tipo de profissional que desejavam formar. Através de suas narrativas pude perceber o comprometimento delas com o social.

Outra grande preocupação dos historiadores foi pensar ensino e pesquisa como práticas que não se dissociam, em todos os níveis de ensino. Assim, preocupação e concepções como estas permearam a vida das professoras do curso de História da UFU, que também vivenciaram este tempo de debate.

Com base nas pesquisas feitas, e nas entrevistas que foram realizadas, me proponho a interpretar as diferentes narrativas, caminhos e significados do processo de organização do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia. Dadas estas propostas, o trabalho foi estruturado em dois capítulos, com os seguintes conteúdos: no primeiro capítulo, intitulado *“O tempo do imprevisto”*, procurei mostrar como se deu a estruturação do Curso de História a partir das narrativas das historiadoras que participaram deste processo. No segundo capítulo, intitulado *“A formação do historiador”*, a preocupação foi discutir o que é ser historiador, relacionando os papéis do pesquisador / professor.

²⁰ FONSECA, Selva Guimarães. Idem. p. 14-15.

CAPÍTULO I

“O tempo do imprevisto”

O Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia fez 40 anos em 2004. Esse tempo foi comemorado no curso por meio da organização da Semana de História, cujo tema foi “Lembrar é resistir”, onde o propósito principal foi lembrar dos 40 anos de ditadura militar. Isso significou refletir que o tempo de comemorar se faz como uma ação no presente. Isto é evocar o passado como prática e como forma de resistir, ou de não permitir que aconteça com os mesmos propósitos, no âmbito do que significou o autoritarismo implementado como prática e política de governo nos anos de 1964-1984.

Assim fiquei me perguntando: qual o sentido de lembrar dos 40 anos do curso de História? Para que lembrar? De que forma comemorar os 40 anos do curso de História? Significa trazer da unicidade a diversidade de sujeitos que foram atores nesse processo de organização do curso?

Nesse sentido, a proposta deste capítulo é interpretar as diferentes narrativas, caminhos e significados do processo de organização deste curso pelas professoras Heloísa Helena Pacheco Cardoso²¹, Maria Clara Tomaz Machado²², Maria De Fátima Ramos de Almeida²³ e Christina da Silva Roquette Lopreato²⁴.

Esta escolha justifica-se não apenas pelo fato delas serem professoras do Curso de História, mas principalmente porque durante suas trajetórias individuais vivenciaram e lembraram o processo de organização

²¹ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo.

²² Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e diretora da Editora da UFU (Edufu). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

²³ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora do Centro de Documentação da História (CDHIS). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

²⁴ Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora pela UNICAMP.

deste curso de maneira diferenciada e para o qual contribuíram de alguma maneira, seja como alunas ou professoras.

Dessa maneira, a principal fonte desta pesquisa está na história oral, que é uma interpretação da realidade e como tal deve ser interpretada e criticada com as suas peculiaridades. Além disso, a partir do que as narradoras colocaram, busquei outras fontes para melhor compreender aquilo que elas disseram. Assim o Curso de História é lembrado como um espaço construído nas relações, pelo modo como as narradoras remontam o tempo de suas vivências no seu processo de organização.

Neste caminho, busquei perceber como cada uma dessas narradoras se recorda do processo de construção do curso, colocando-se como sujeitos do mesmo, atribuindo significados ao passado, revelando-o como espaço ou instituição construída nessas ações, nesses jeitos de lembrar e de valorizar o presente-passado. São professoras, formadas em diferentes lugares, que se encontram e compartilharam experiências no passado, processo de constituição do curso. Assim, interessa-me então compreender como cada uma delas se lembra desse tempo, quais os dilemas e problemas que apresentaram como sendo os desafios enfrentados no passado, diante do modo como continuam a vivenciar esse mesmo espaço.

Para que eu pudesse falar sobre esta diversidade existente entre as narradoras, bem como o modo como cada uma se lembra e interpreta o passado, não posso deixar de apresentar o que busquei durante a realização das entrevistas, quais foram às perguntas que fiz, ou seja, o que foi pedido para que as narradoras recordassem, tendo em vista que os entrevistados só falam porque nós perguntamos, e assim eles elaboram seus enredos a partir do que lhes foi solicitado.

Então, antes de falar propriamente do que busquei nas narrativas das professoras, considere relevante fazer algumas considerações acerca do trabalho com a história oral. Segundo Alessandro Portelli²⁵ trabalhar com as narrativas orais significa um campo de possibilidades reais ou imaginárias,

²⁵PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos e história Oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: Op. Cit.

uma vez que é um processo de lembranças, onde o indivíduo constrói o seu enredo a partir da sua memória, que está sujeita dentre outras coisas ao esquecimento.

Para além disso, o historiador tem que levar em consideração que as experiências *dos indivíduos se dão no social, mas cada um assimila um fato de acordo com aquilo que vivencia ou prioriza, seleciona como sendo mais importante*²⁶.

Assim sendo, ao iniciar cada entrevista, busquei saber onde que as professoras se formaram, ou seja, onde concluíram seus cursos de graduação, o que me permitiu dizer que elas possuem formações diversificadas. Dessa forma, o que elas disseram está diretamente ligado com suas vivências. Nesse sentido, cabe ainda dizer que a diversidade entre elas não se dá apenas porque são pessoas diferentes ou porque possuem opiniões diferentes, mas principalmente pelas diferenças em suas trajetórias individuais. Procurei saber também como estas narradoras analisam as mudanças ocorridas no curso ao longo do tempo.

Pensando na diversidade, no modo de lembrar e interpretar o processo de organização do Curso de História, não poderia deixar de começar pela narrativa da professora Heloísa²⁷, moradora da cidade de Uberlândia, onde fez seu curso. Pude perceber ao longo da entrevista, o quanto ela se insere no processo de organização deste curso, através principalmente de sua trajetória profissional. Ao ser perguntada sobre a sua formação, ela se recorda primeiramente que estudou na Universidade Federal de Uberlândia, quando esta ainda era apenas uma Faculdade de Filosofia:

Eu fiz o curso de graduação em Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, na época Faculdade de Filosofia, e era apenas Licenciatura, né? Porque nós não tínhamos Bacharelado naquele período, então eu fiz Licenciatura em História.

A professora Heloísa recorda que na época que fez seu curso, este era localizado na antiga Faculdade de Filosofia, oferecendo formação na

²⁶ PORTELLI, Alessandro. Idem.

²⁷ Entrevista realizada com a professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso, em Uberlândia, no dia 29/10/04, para o Projeto PIBEG.

modalidade Licenciatura em História. Posto isto, fui buscar significado na relação presente-passado porque a narradora fala de sua formação com relação a um diferencial, que é a maneira como o curso de História está estruturado nos dias atuais, após a introdução da pesquisa na formação do historiador, onde o aluno precisa cursar primeiro o Bacharelado, ser um pesquisador, para depois fazer a Licenciatura e atuar no ensino, entendendo-se que a prática da sala de aula não se dissocia da pesquisa. Entretanto, a ênfase do curso que a professora Heloísa fez estava na formação de professores, não se pensava em pesquisa.

Este tempo referido pela professora Heloísa também foi compartilhado pela professora Maria Clara²⁸ nascida na cidade de Uberlândia, onde também fez seu curso de História. Analisando a entrevista realizada, percebi o quanto ela se insere na trajetória do curso, não só enquanto professora, mas também como aluna. São dois tempos que emergem selecionados em suas lembranças, o primeiro se refere a quando ela era aluna do curso, e o outro quando passa a ser professora da instituição. Esses dois tempos são apresentados como importantes para ela. Neste sentido, busquei perceber como esta professora recorda dessas diferentes épocas demarcadas em sua narrativa. O primeiro é quando fala onde se formou, que foi:

Na Universidade de Uberlândia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, não era ainda Federal.

A partir do depoimento da professora Maria Clara foi possível dizer que ela recorda daquele período como sendo o momento de sua formação, ou seja, como aluna da instituição, o que fica claro também é, que tanto ela quanto a professora Heloísa, fizeram sua graduação em História quando este curso estava no âmbito da Faculdade de Filosofia.

²⁸ Entrevista realizada com a professora Maria Clara Tomaz Machado, em Uberlândia, no dia 23 de agosto de 2004, para o projeto PIBEG.

O tempo referido pelas narradoras é o de sua formação, permitindo pensar que é um tempo social e também de um determinado lugar. Deste modo, a partir do que elas lembraram, busquei obras que tratam sobre o assunto e que me ajudaram a compreender melhor, o surgimento do curso.

Constatei a existência de outras narrativas orais sobre o Curso História e que se encontram publicadas na obra *A UFU no imaginário social*²⁹. Este livro foi produzido em 1988, com a finalidade comemorativa, já que neste ano a Federalização da Universidade de Uberlândia completava seus dez anos. Assim o objetivo desta publicação era refletir sobre o “imaginário social” deste processo, por meio dos depoimentos dos diversos agentes envolvidos: os que exerciam funções administrativas no interior das faculdades que formavam a Universidade de Uberlândia, os que trabalhavam em outras funções desta instituição, e outros que exerciam funções políticas, seja no âmbito do Poder Executivo (prefeitos e governadores), seja na esfera do Legislativo (deputados estaduais) do Estado de Minas Gerais.

Nesta obra, considerei importante, trazer para a reflexão deste trabalho o relato de Ilar Garoti³⁰, uma vez que ela faz considerações relevantes a respeito do surgimento da faculdade de Filosofia. Com efeito, Garoti nos apresenta o surgimento do próprio curso de História, como um curso que surgiu no âmbito desta Faculdade, uma das mais antigas instituições no leque daquelas que, formavam a Universidade de Uberlândia, antes portanto da federalização, ocorrida no ano de 1978.

Em sua narrativa, Ilar Garoti diz que sempre estudou em escolas que tiveram orientação religiosa. Com vinte e um anos, ingressou na Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, em Campinas, no Estado de São Paulo, onde recebeu toda a formação filosófico-teológica. Aos vinte sete anos foi enviada para assumir a direção da Faculdade de Filosofia, em Uberlândia. Segundo ela, a sua vinda não se deu enquanto

²⁹ CAETANO, Coraly Gará e DIB, Miriam Michael Cury, eds. **A UFU no imaginário social**. Universidade Federal de Uberlândia, 1988, 556 p.

³⁰ Entrevista realizada com Ilar Garotti-ex-vice reitora da Universidade de Uberlândia e ex-diretora da Faculdade de Filosofia. Entrevista gravada em setembro de 1988. Idem. p. 29-31.

uma alternativa pessoal de escolha, mas porque a Madre Geral achou por bem enviá-la. Isso aconteceu, porque em 1962, a Irmã Maria Lázara Fiorini, fundadora da Faculdade, fora transferida para Campinas.

Ilar Garotti diz também que a Faculdade de Filosofia, foi criada em 1960, juntamente com a Faculdade de Direito pela Irmã Maria Lazara Fiorini, diretora desde a sua fundação até 1961, sendo sucedida por ela em 1962. A partir daí, Ilar se recorda que dirigiu a instituição durante quinze anos, de 1962 a 1977. No período de sua gestão, criou mais sete cursos, dentre eles o de História. Ilar diz também que de 1960 a 1977, a faculdade funcionou no Colégio Nossa Senhora que se localizava no centro de Uberlândia, sendo posteriormente transferida para o Campus Santa Mônica.

Em 2003, outros registros foram produzidos com o intuito de comemorar os 25 anos de federalização da UFU, nos quais as versões sobre este processo também coadunam com aquelas que foram publicizados em 1988. Assim, a obra *Fragmentos imagens memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia*³¹ também surgiu enquanto um referencial de apoio para a realização dessa pesquisa.

Nesta obra, destaco o texto “A criação da UFU: das faculdades a federalização”³² que discute a idéia da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nascendo do desejo de um grupo de intelectuais que se preocupou com o nível educacional e cultural da cidade. Foi apontado também que os primeiros contatos foram feitos com as Irmãs do Colégio Nossa Senhora, as quais assumiram a responsabilidade de criação da instituição e logo trataram da organização dos papéis necessários à sua abertura em outubro de 1959.

Esta trajetória do curso sob direção das freiras se interliga com as lembranças da professora Maria Clara quando era aluna da instituição. Assim ela situa esse tempo também, falando da concepção que apreendia naquele período:

³¹ GOMES, Aguinaldo Rodrigues. NETTO, Miguel Rodrigues de Souza. WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. (orgs). **Fragmentos imagens memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: EDUFU, 2003. 218p.

³² GOMES, Aguinaldo Rodrigues. NETTO, Miguel Rodrigues de Souza. A criação da UFU: Das faculdades à federalização. Idem. p. 17.

... O curso que eu fiz era um curso positivista, mas era curso de História. Era um curso de causas, conseqüências e antecedentes. Eu fico brincando com os alunos e falo que na época que eu estudei, além da biblioteca ser muito pobre, que era uma biblioteca da Filosofia, era particular, era das freiras, né? Das Irmãs Missionárias, era um curso que te exigia memória e análise crítica...

A professora Maria Clara parte do seu presente, enquanto professora do curso de História para estabelecer as diferenças entre o tempo que ela estudava em relação ao atual, dizendo que o Curso de História à época de sua graduação, surgiu na Faculdade de Filosofia, pertencendo às freiras, ou seja, era ministrado pela ordem religiosa católica. A narradora faz também uma crítica ao dizer que a biblioteca era muito pobre, e que era da Filosofia, talvez questionando a própria ordem religiosa, responsável pela biblioteca, me levando a pensar inclusive no grande poder de dominação que a igreja católica possuía. A professora pensa o passado falando das ausências, como a falta de uma boa biblioteca. Assim, comecei a refletir sobre o que era um curso “pobre” quando ela se formou, pensei inclusive na cidade de Uberlândia naquele período, questionando se todas as pessoas tinham a oportunidade de fazer um curso superior, quem eram as pessoas que estudavam e como podiam estudar.

É interessante percebermos que tanto a professora Heloísa quanto Maria Clara, concluíram sua formação na época que o Curso de História estava no âmbito da Faculdade de Filosofia, na modalidade Licenciatura, com a ênfase na formação de professores, o que era uma realidade do país naquele momento, e não apenas de Uberlândia. Assim, foi possível perceber como se cruzam essas vivências, e como esse cruzamento faz-se de modo compartilhado pelas professoras em suas narrativas, me chamando a atenção uma fala da professora Maria Clara:

... A professora Heloísa foi minha professora...

Quando a professora Maria Clara se recorda do curso que havia feito se lembra que a professora Heloísa foi sua professora. Pude perceber também uma relação de afetividade dela pela professora Heloísa.

Buscando os caminhos apontados pelas narradoras, fui levada a refletir sobre o local onde surgiu esta Faculdade, que era a cidade de Uberlândia, localizada na região do Triângulo Mineiro, na década de 1960 e o que representava ter uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para esta cidade. Nesse sentido, a narrativa de Ilar Garotti continua me ajudando nessa reflexão, quando diz que a década de 1950 foi marcada pela idealização das faculdades. Segundo ela, em 1957, Rondon Pacheco que era deputado federal, solicitou ao governo federal a criação da Escola de Engenharia do Brasil Central, com sede em Uberlândia. O clima era de progresso, pois Brasília se preparava para ser a sede do governo do país. Uberlândia estava geograficamente bem situada em relação à nova capital, crescia assustadoramente na indústria, comércio e agropecuária. A grande questão que se colocava era: porque não haveria de crescer também no aperfeiçoamento da cultura e do ensino superior? *A cidade tinha todas as condições para receber escolas de nível superior.*³³ Nesse sentido, ter uma Faculdade na cidade de Uberlândia significava prestígio para a região.

No período em que as narradoras apontam como sendo o tempo do surgimento da antiga Faculdade de Filosofia, podemos pensar que a cidade de Uberlândia estava desenvolvendo-se, passando por um processo de mudanças e transformações que são claramente visíveis nos dados: ... *A partir dos anos de 1950 a cidade de Uberlândia vem passando por um aumento significativo de sua população, quando 35.799 moravam na cidade, enquanto 19.185 moravam no campo, chegando em torno de 54.984 habitantes*³⁴ e, a partir daí continua aumentando significativamente sua população.

Isto leva-me a pensar que Uberlândia estava se desenvolvendo, passando por transformações devido principalmente à construção de Brasília. Situada numa região geograficamente bem posicionada,

³³ CAETANO, Coraly Gará e DIB, Miriam Michael Cury, eds. In: Op. Cit. p. 29.

³⁴ CALVO, Célia Rocha. In: Op. Cit. p. 373.

Uberlândia se tornava o caminho que deveria ser percorrido por aqueles que saíam não só das grandes cidades brasileiras, mas também de várias partes do Brasil com destino à nova capital do país. Assim foi construída uma malha rodoviária e a partir da década de 1950, Uberlândia não parou mais de se desenvolver.

Foi a partir deste lugar que a professora Heloísa se refere ao processo de transição da Faculdade de Filosofia do Centro para o Campus Santa Mônica, e com isto o processo maior que significava a federalização da Universidade:

... Nós não tínhamos ainda a reunião ou todas as Faculdades no campus aqui, tá? Então eu comecei lá e aí logo em seguida nós viemos aqui pro campus, não é? E aí, quer dizer, as coisas meio improvisadas, porque tava discutindo a questão da Universidade Federal...

Quando a entrevista refere-se que *nós não tínhamos ainda a reunião ou as faculdades no campus*, podemos pensar que ela se lembra das pessoas e não da instituição nela mesma. Podemos refletir também que essas falas são enredos, construídos pela narradora, e a partir daí busquei pensar o próprio trabalho da memória, sendo normais os esquecimentos na reconstituição pretendida pelos sujeitos.

A professora marca o tempo de formação do curso articulando-o ao processo de mudança do centro, quando todas as faculdades funcionavam no mesmo local, mas eram fundações autônomas. Esse tempo também é lembrado como sendo do imprevisto, não só pelas condições físicas, mas devido ao processo maior do que significava uma Universidade Federal:

... Nós não tínhamos nem o espaço físico pra ficar, nós fomos alojados num barracão que é lá na mecânica...

Sua narrativa também é marcada pela recordação do Curso de História vindo do centro para o Campus Santa Mônica e que não possuía ainda um lugar definido para ficar, enquanto os cursos de Engenharia - única

instituição que já se constituiu federal - já estava organizada nos seus lugares definidos e que inclusive cedeu um barracão para que o curso de História pudesse ser alojado.

Quando a narradora fala deste tempo do imprevisto, se torna também interessante a maneira como ela referenda o caminho percorrido pelo Curso de História, para que este pudesse vir a ser o que é nos dias atuais:

...Mas eu acho que é um caminho que nós percorremos e que resultou nisso que temos aí hoje.

A professora Heloísa coloca nesse tempo presente os significados do passado. Ela considera isso como sendo um caminho percorrido, e também é a maneira como ela se lembra. O tempo do imprevisto, da mudança do centro, foi associado por ela ao processo maior que significava a federalização da Universidade, firmando esse tempo histórico, lembrando do local. Assim sendo, busquei pensar essas questões na vivência compartilhada pela professora Maria Clara, com o intuito de perceber como aparece em sua narrativa a discussão de federalização da UFU, de acordo com a sua vivência. Para falar dessa época, ela parte de seu percurso profissional que é por onde ela começa para depois falar da instituição:

... [Quando] comecei a ser professora, eu comecei pelas Artes, eu não comecei por aqui(...)Então, eu comecei porque eu dava aula no conservatório de História da Arte, História da Música, eu fui para Artes e em 76 eu passei pra Universidade. Foi quando a Universidade começava a discussão da federalização, que foi em 78, né? E, quando começou a idéia de federalização e começou a discussão sobre a unidade da universidade...

A professora Maria Clara se lembra do processo de federalização da universidade a partir de sua experiência profissional, enquanto a professora Heloísa se recorda daquele período como sendo o tempo do imprevisto, da transição da faculdade do centro da cidade para o Campus Santa Mônica. Essas diferenças, ao lembrar o mesmo processo são bastante significativas, uma vez que nas narrativas orais o “ouvir” o outro não quer dizer apenas

escutar o que a pessoa fala, mas perceber o enredo que essas pessoas constroem de acordo com as suas experiências vividas. Os sujeitos podem ter interpretações diferentes sobre o mesmo fato. *A experiência é social e compartilhada na sua experiência de vida.*³⁵

A partir das vivências de Maria Clara percebi dois momentos distintos no início do Curso de História: um deles se refere ao período que ela era aluna da Faculdade de Filosofia, ainda no centro da cidade de Uberlândia; o outro momento, diz respeito ao seu retorno para ser professora do curso de História:

... E, quando começou a idéia de Federalização e começou a discussão sobre a unidade da universidade, é que eu passei pra História...

A professora Maria Clara associa o começo de sua experiência como professora do Curso de História, ao processo maior que era a discussão sobre a federalização da Universidade.

A partir de então, procurei pensar como se deu esta trajetória, o que me levou a concluir que o ensino universitário em Uberlândia iniciou-se através da criação de faculdades isoladas, precedendo a própria idéia de se formar uma Universidade. O processo de implantação da Universidade foi marcado por muitas etapas, tendo início com a criação das faculdades isoladas: Música (1957), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia (FAFIU – 1959), Direito (1959), Economia (1966) e, que com a sua federalização Universidade de Uberlândia – UNU (1969) e que com sua federalização, tornou-se Universidade Federal de Uberlândia, em 1978.³⁶

A federalização aconteceu durante a década de 1970, foi uma época marcante para o curso de História, por dois motivos - o primeiro diz respeito a vivenciar as discussões e posteriormente a federalização da Universidade; o outro diz respeito à própria transformação do Curso de História, para o

³⁵ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: Op. cit. p. 116-138.

³⁶ GOMES, Aguinaldo Rodrigues. NETTO, Miguel Rodrigues de Souza. A criação da UFU: Das faculdades à federalização. In: Op. Cit. p. 15.

curso de Estudos Sociais, que acontecia não só em Uberlândia, mas em todo país. Portanto, pensando nesta questão, busquei entendê-las através das narrativas das professoras do curso, começando com a narrativa da professora Maria Clara:

...Quando eu entrei, então, que eu voltei para dar aula no Curso de História, o curso já era Estudos Sociais...

Ao dizer isto, ela faz uma distinção entre o currículo do curso, no período em que era aluna, e aquele implantado quando ela retorna para dar aula. O curso feito por ela, surgiu em 1964, no âmbito da Faculdade de Filosofia, oferecendo formação em Licenciatura Plena em História, ou seja, a ênfase do curso estava na formação de professores, característica das faculdades implantadas na década de 1960, devido à reforma universitária promovida pela ditadura militar.

Segundo a autora Selva Guimarães Fonseca,³⁷ com as mudanças educacionais implementadas após 1964, o ensino de História torna-se um alvo importante do poder político autoritário dominante e neste sentido, várias medidas governamentais são adotadas visando ao seu enquadramento ao binômio do regime: desenvolvimento/segurança nacional.

Quando a narradora diz que retorna ao curso de História para dar aula, já é outro tempo em sua memória. Quando ela retorna, volta formada, volta para trabalhar na organização e o curso de História havia mudado para Estudos Sociais. Assim busquei pensar quando aconteceu essa mudança, bem como refletir sobre o que significava fazer um Curso de História numa estrutura de Estudos Sociais.

A alteração curricular aconteceu em 1972 e, a partir dessa época, cursar Estudos Sociais era um pré-requisito para se fazer História, ou seja, primeiro o aluno tinha que fazer o vestibular para Estudos Sociais, após

³⁷ FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério, Formação e trabalho pedagógico). p. 13.

ingressar na faculdade, cursava dois anos, concluindo a denominada Licenciatura Curta. Depois optava por complementar o curso com História ou Geografia, o que levaria mais dois anos, se formando então, com Licenciatura Plena.

Para melhor refletir sobre o que esse “contexto” significava para as professoras entrevistadas, no que tange à formação do historiador, busquei vivências compartilhadas naquele período. No dizer da professora Heloísa, as mudanças situam-se no modo como relaciona as diferentes fases pelas quais passou o Curso de História:

... Primeiro nós tivemos que enfrentar a questão dos Estudos Sociais, essa foi uma experiência dolorosa...

Ao se recordar do currículo de Estudos Sociais, esta fase é marcada para ela como muito dolorosa, cujas razões articulam com a dificuldade de se pensar a formação do historiador:

... Porque é, querer discutir os procedimentos do Historiador numa estrutura que foi criada, né? Dos Estudos Sociais...

Nesse sentido, busquei pensar como se deu essa discussão dos Estudos Sociais em nível de debate público, refletido por outros historiadores, nesse tempo em que Heloísa classifica como sendo doloroso. Nesse caminho, o artigo da professora Déa Ribeiro Fenelon³⁸, publicado em 1983 no Caderno CEDES, fruto do encontro de professores de História e Estudos Sociais. Nesse texto, a autora pode ser vista como uma voz que naquele tempo canalizava as discussões no âmbito da comunidade dos historiadores reunidos na Associação Nacional dos Professores de História, que, assim como as narradoras do curso de História da UFU, refletiam o

³⁸ FENELON, Déa Ribeiro. A Questão dos Estudos Sociais. In: Zamboni, E.(org). **A Prática do Ensino de História**. Cadernos CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade. 4ª. ed. São Paulo, Papirus, 1994. p. 11-22.

quadro da formação do historiador, em meio à existência dos cursos de Estudos Sociais no Brasil.

Assim, Déa Fenelon, desabafa, dizendo que durante vários anos, pareceres, decisões, portarias e decretos caíram sobre suas cabeças como fatos já consumados para que se ajustassem ou se adequassem, entendendo assim que essa mudança significava uma prática autoritária, na maneira como o trabalho do historiador, a matéria, o conhecimento era visto e traduzido pelas instâncias do poder instituído durante a ditadura militar. Nessa direção, a grande questão que se colocava para a autora, era pensar como o ensino de história, a prática e a formação do historiador acontecia naquele tempo.

Segundo Fenelon, a existência de Estudos Sociais nos vários níveis de ensino, aparece como resultado e desdobramento da legislação emanada do Conselho Federal de Educação, que vem desde 1966, merecendo a atenção de profissionais do campo das Ciências Humanas e Sociais, através de seguidas manifestações. Para ela, esses estudos guardam o repúdio à implantação daquilo que se considera ser uma verdadeira aberração da política educacional, ou seja, a progressiva fusão de disciplinas tais como a História, a Geografia, a Sociologia e a Filosofia em Estudos Sociais e suas seqüelas de OSPB e Educação Moral e Cívica. Tal processo iniciava-se com a proliferação das licenciaturas curtas, e depois plenas de Estudos Sociais, abrindo caminho para sua implantação no sistema de ensino fundamental, fragmentando o conteúdo de geografia e de história. No ensino superior, a situação era ainda mais agravante, quando buscava definir que a formação do professor deveria ser “polivalente”, ou seja, a formação desses profissionais deveria atender às necessidades de um mercado que imprimia a noção de uma prática de ensino e pesquisa, de modo compartimentado, assim como as relações que ordenam o sistema capitalista. Existindo aqueles que deveriam pensar e outros que deveriam transmitir o resultado.

Assim, o problema grave apontado por Fenelon é que com o advento das Licenciaturas Curtas, além de encurtar a formação, havia negação da pesquisa como atividade necessária ao conhecimento dos alunos. Tal

preocupação coincidia com uma grande discussão nos grandes centros referente aos Estudos Sociais e aos malefícios que este causava na formação de historiadores.

Neste trabalho, Fenelon faz referência à autora Marilena Chauí³⁹, que considera esse tipo de profissional que se queria formar, sendo mão-de-obra farta e barata, quase desqualificada, “dócil ao Estado”, pois a sua formação precária e estreita e as péssimas condições de sobrevivência não lhe permitiriam assumir uma atitude reflexiva frente à sociedade e ao conhecimento.

Para Fenelon, existe uma grande dificuldade de reconstituir o que tem sido, em períodos recentes, a árdua batalha da universidade brasileira contra as tentativas da anulação de seu imenso potencial crítico e criativo. Nessa direção, a autora faz um panorama das medidas governamentais que visavam a implantação de Estudos Sociais. Estas datam de 1964/1966 e surgiram dentro do chamado “contexto” das licenciaturas para formação geral. Elas se dão em um momento que a universidade brasileira estava voltada para o debate da reforma universitária, proposta pelo Ministério da Educação e Cultura. Fenelon também trabalha ao longo do texto, as lutas e as mobilizações ao longo dos anos de 1973, 1974, 1976 e 1981 por uma melhoria no ensino de História.

Assim, esse tempo em que existiam os Estudos Sociais, era um tempo em que muitos historiadores, senão em diversos lugares do país, mas pelo menos nos grandes centros urbanos, refletiam as implicações das práticas autoritárias durante o regime militar.

É interessante perceber como as preocupações referidas por Fenelon, quanto à formação geral oferecida, aparecem na narrativa da professora Heloísa:

... Naquele momento eu dizia que nós formávamos especialistas do nada, né? Porque eu acho que essa experiência, todo mundo que viveu essa experiência dos Estudos Sociais sabe o tanto que ela foi

³⁹ CHAUÍ, Marilena. In: FENELON, Déa Ribeiro. A questão dos Estudos Sociais. Idem.

nociva, nociva pra reflexão, nociva pra crítica, mas aliás eu acho que era isso mesmo que se pretendia com ela...

Nesta narrativa, formar especialista “do nada” poderia estar relacionado à perspectiva da formação geral dos professores, que deveria ser aquela de adequação ao mercado de trabalho, implantado no período da ditadura militar. Posso dizer que esta visão da professora Heloísa situa-se numa época de críticas, ações e protestos realizados pela comunidade de historiadores, que consideravam essas políticas autoritárias, pois vinham do “alto” e tratavam a História como sendo apenas um item do curso de Estudos Sociais. Assim quando Heloísa situa esta “fase”, está nos trazendo uma reflexão sobre o que significava pensar socialmente - a História e o historiador - no campo dos desafios colocados frente às práticas autoritárias do governo militar. Sua fala reflete o modo como essas questões eram preocupações dela e, também daqueles que estavam organizando o Curso de História em Uberlândia. Eram problemas que estavam no horizonte de todos que estavam naquele tempo imbuídos em pensar o ensino e a formação dos historiadores.

Estas inquietações acerca do curso de Estudos Sociais, encontram-se também no horizonte de outras professoras, como Maria de Fátima⁴⁰. Ela veio do Norte de Minas Gerais para a cidade de Uberlândia, onde poderia dar continuidade aos seus estudos. Em um determinado momento, fez o curso de Licenciatura curta em Estudos Sociais e, posteriormente o de Licenciatura plena em História.

A partir desta experiência enquanto aluna dos Estudos Sociais, começa a falar das mudanças pelas quais, o Curso de História passou:

... Quando eu entrei aqui na universidade como aluna, né? Tinha o Curso de Licenciatura em História, mais era assim(...) Era uma complementação da Licenciatura Curta. Porque tinha a Licenciatura Curta em Estudos Sociais e aí os alunos que terminavam a Licenciatura Curta, né? Que eram preparados pra dar aula de História, Geografia, OSPB e Educação Moral e Cívica. Então, esses professores eles podiam optar por completar a sua formação na graduação em História ou Geografia, tá? Então o curso de História era uma complementação da Licenciatura curta...

⁴⁰ Entrevista realizada com a professora Maria de Fátima Ramos de Almeida, no dia 21 de setembro de 2004, para o Projeto PIBEG.

A professora Maria de Fátima, ao lembrar das mudanças ocorridas no curso de História, inicia sua narrativa falando de como era a formação nos Estudos Sociais, porque foi a partir daquele período que ela iniciou sua vivência na instituição. Quando aqui chegou, a ênfase do curso continuava na formação de professores, como foi discutido anteriormente. Buscava-se o profissional “polivalente” para atender ao mercado de trabalho.

Quando o aluno cursava uma licenciatura curta em Estudos Sociais, obtinha qualificação para ser um professor com habilitação diversificada, ou seja, poderia dar aula de História, Geografia, OSPB e Educação Moral e Cívica no Ensino Fundamental. Para complementar a sua formação, estes profissionais poderiam optar por fazer a licenciatura plena em História ou Geografia. Assim, poderia dar aula no Ensino Médio, numa dessas duas disciplinas, além da opção variada com o Ensino Fundamental. Este era o percurso que o professor de História tinha que fazer para ser um profissional da área, e foi esta a formação recebida pela professora Maria de Fátima.

Pensando nesta vivência da narradora, pude perceber que seu relato, é um tempo em sua memória que deve ser relacionado à sua lembrança enquanto aluna do curso. Outro tempo em sua memória é quando ela está formada e se recorda de quando começou a dar aula na instituição:

... Eu fui convidada pra dar aula na Universidade Federal de Uberlândia, assim, meio que, convidada assim, porque a Universidade estava se tornando Federal e aliás, tinha se tornado Federal, tava num processo de estruturação dos cursos, dos Departamentos e até, foram abertas vagas para professores mas pra preencher, assim, rapidamente, tinha um tempo muito curto pra preencher as vagas, então, os Departamentos que estavam se instituindo, constituídos, eles começaram a pensar que seriam as pessoas que teriam condições de, é, preencher essas vagas na cidade.

Ao falar de sua experiência profissional, a narradora se recorda do período de federalização da Universidade, e se recorda também que estavam sendo instituídos os Departamentos dos cursos.

A professora Christina⁴¹ concluiu a graduação em Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo em 1977, segundo ela, ingressou na Universidade Federal de Uberlândia como professora efetiva, em 1984. Veio de outra formação, em outro momento do curso, já na década de 1980 e, ao se recordar das mudanças ocorridas ao longo do tempo, fala como eram os profissionais da instituição antes dela chegar:

... Antes deu chegar aqui, tinha muito o pessoal da terra, nativo, que não tinha especialização...

Esta narrativa da professora Christina remete à maneira como ela compreende o processo de organização do curso de História quando ingressou. Ela se lembra deste período como sendo aquele onde havia o pessoal “da casa”, ou seja, as pessoas que se formaram naquele curso e que ainda não tinham especialização.

A professora Christina acredita que a chegada de pessoas de outros lugares, ou seja, de outras cidades, contribuiu para dar uma “mexida” no curso:

... Começava a vir gente de fora, um pouco mais já qualificados, eu já vim com os créditos do Mestrado(...) [vieram] Alguns professores que trabalhavam com outros objetos de estudo, e isso contribuiu pra dar uma mexida no curso como um todo, né? Novos autores foram introduzidos,(...) E o pessoal da casa começou a se qualificar...

A narradora aponta como avanço a titulação, prioritariamente a qualificação emerge da titulação para ela naquele momento. Assim, procura demarcar a sua diferença com relação aos demais professores “nativos”. Na sua narrativa é perceptível que a “mexida” no curso se deu graças ao ingresso de outros.

O momento em que o Curso de História estava inserido no âmbito dos Estudos Sociais também é lembrado pela professora Christina, que se inclui ao dizer “éramos” talvez por ser uma discussão que acontecia em

⁴¹ Entrevista realizada com a professora Christina da Silva Roquette Lopreato, no dia 20 de outubro de 2004, para o Projeto PIBEG.

todo país, todos os Cursos de História foram reduzidos a um item dos Estudos Sociais. Ela também associa a questão com o período em que foi instituído o Departamento de História:

... Éramos História, Geografia e Ciências Sociais tudo junto. Éramos acho que cerca de 50 professores, muita dificuldade de trabalhar junto. Depois separamos, ficamos no Departamento de Ciências Sociais, a gente ficou a parte, não me lembro exatamente quando, e ficamos História e Ciências Sociais e o passo seguinte foi a Ciências Sociais ganhar uma, um espaço próprio e a História também, foi instituído o Departamento de História...

Analisando esta narrativa, percebi que ao se recordar das mudanças ocorridas no curso ao longo do tempo, a professora Christina se recorda de como era difícil trabalhar junto com muitos professores, mas enfoca a criação do Departamento de História, o que também aparece na narrativa da professora Maria de Fátima. Assim pude perceber que o enfoque de suas recordações estava na instituição. Enquanto as professoras Maria Clara e Heloísa enfocam suas recordações nas pessoas, durante o surgimento do Curso de História.

As diferenças entre as narradoras não se deram apenas por serem pessoas diferentes, ou por possuírem opiniões diferentes, mas porque traçaram caminhos diferentes durante suas trajetórias de vida, e isto reflete em suas maneiras de ver, fazer, interpretar e escrever a história.

Assim, o ponto comum existente nas narrativas destas professoras está em dizer que a experiência com os Estudos Sociais foi uma fase prejudicial para a formação do historiador. A professora Maria Clara relaciona a implantação dos Estudos Sociais, a interesses políticos:

... Depois, começamos uma discussão enorme na década de 80, brigando por um curso de História específico, tanto a Geografia quanto a História. Então, fizemos um movimento intenso. Fizemos, pra passar dentro da universidade, porque era época ainda da ditadura militar, nós tivemos que provar a importância da História, por que História, que o professor tinha o conhecimento específico...

A partir destas narrativas, busquei compreender como aconteciam outras discussões no país que propiciaram o ensino de História. Percebi que a década de 1970, marcada para o Curso de História da UFU pela implantação dos Estudos Sociais, e também pela federalização da Universidade de Uberlândia, foi um período sublinhado por uma grande preocupação com a História. Nesse sentido, o autor Jaime Pinsky faz algumas considerações:

De qualquer modo, a generalização de uma preocupação crítica com a história deve ser datada dos anos setenta, quando as gerações saídas da universidade anos antes começam a encontrar legitimidade intelectual e ensaiam um ensino mais preocupado com o social.⁴²

Essas inquietações com o ensino de História ganham força na década de 1980. Segundo Arlete Gasparello,⁴³ esse período propiciou o favorecimento de uma abordagem crítica das questões educacionais diante das transformações ocorridas no contexto sócio-econômico e político dessa década.

Retomando o trabalho da autora Déa Ribeiro Fenelon tratado acima, cabe ressaltar algumas considerações que ela faz a respeito do reconhecimento da História na década de 1980:

Reconhecendo hoje que a História é antes de mais nada a busca incessante, porque História de um objeto que é, essencialmente movimento, é reescrita por cada geração, é interpretada desde muitos pontos de vista que são também historicamente condicionados.⁴⁴

A década de 1980 foi marcada pela existência de grandes preocupações com o ensino de História, para que o mesmo pudesse acompanhar as mudanças historiográficas e da produção educacional.

⁴² PINSKY, Jaime. Nação e ensino de História no Brasil. In: Pinsky, Jaime(org) **O Ensino de História e a criação do fato**. 2ª.ed. São Paulo, Contexto, 1990. p. 19.

⁴³ GASPARELLO, Arlete. In: Op. Cit. p. 78.

⁴⁴ FENELON, Déa Ribeiro. A questão de Estudos Sociais. In: Op. Cit. p. 22.

Existia nos grandes centros urbanos, como São Paulo, uma grande discussão referente aos Estudos Sociais e aos malefícios que este causava na formação dos historiadores. Assim, compartilho essa discussão com a autora Déa Ribeiro Fenelon:

*... Diríamos também que as licenciaturas curtas só causaram malefícios à formação do professor, que a política de desqualificação e desvalorização do professor vem causando danos ao ensino, que as universidades estão imobilizadas no marasmo do desestímulo...*⁴⁵

Fruto de muitas discussões e muitas lutas, a década de 1980 marca, então, um grande passo para os Cursos de História, sendo propícia para a eliminação dos Estudos Sociais da formação dos historiadores. Esse momento é lembrado pela professora Maria de Fátima como sendo um verdadeiro “movimento nacional” organizado pela Associação Nacional dos professores de história, quando presidida pela professora Déa Ribeiro Fenelon:

... E aí eliminou Estudos Sociais que foi um movimento nacional, né? Pra acabar com, acabar com a licenciatura curta em História. Foi um movimento coordenado pela ANPUH [Associação Nacional dos Professores Universitários de História] sobre, principalmente, sobre a direção da professora Déa Fenelon. Quando ela assumiu a direção da ANPUH aí, então, ela encabeça esse movimento pra eliminação da licenciatura curta em Estudos Sociais e acabou com isso, né? Então, o curso de História aqui, ele foi feito um currículo para um curso de História completo...

Quando a professora Maria de Fátima refere-se a um Curso de História “completo”, acredito que seja no sentido de ter independência em relação aos Estudos Sociais e contar com um currículo específico.

É interessante perceber como que as discussões da comunidade de historiadores de outras cidades, aparecem nas narrativas das pessoas que discutiram ou vivenciaram aquele tempo, como as professoras do curso de História da UFU.

⁴⁵ FENELON, Déa Ribeiro. A Questão dos Estudos Sociais. In: Op. Cit. p. 11-22.

A professora Heloísa ao vivenciar as mudanças ocorridas ao longo do curso de História, não deixa de comentar um grande passo para ela, que foi a eliminação dos Estudos Sociais:

...Nós só conseguimos mudar isso [a questão de Estudos Sociais] lá pelos anos 80, né? Com entrada direta pra História e aí a opção do aluno era é História, né? Então, pelo menos eu acho que isso foi naquele momento um avanço...

Assim, as narrativas das professoras, permitem-me dizer que excluir o curso de Estudos Sociais da formação do historiador foi muito significativo.

Elimina-se os Estudos Sociais da formação do historiador, a questão agora parecia ser: o que fazer?

CAPÍTULO II

A formação do historiador

Como vimos no capítulo anterior, a década de 1980 foi marcante para as narradoras quando refletem os caminhos do Curso de História. Para elas, o modo como o curso hoje está organizado é fruto de muita discussão e de muita luta. O grande êxito atingido naquele momento foi a eliminação dos Estudos Sociais da formação do historiador.

As narrativas destas professoras me permitem dizer que a eliminação dos Estudos Sociais da formação dos historiadores significava acabar com uma qualificação que era prejudicial ao historiador, inserido numa estrutura que não era do seu curso, que havia se reduzido a um item do curso de Estudos Sociais. Como foi dito anteriormente, o curso de Licenciatura Plena em História foi alterado em 1972 para Estudos Sociais, com opção posterior para Geografia ou História:

Primeiramente com vestibular específico para cada curso, e em 1974 com vestibular apenas para o curso de Estudos Sociais. O curso de Estudos Sociais era considerado como básico para essas licenciaturas, ampliando o leque de opções para as disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e política do Brasil (OSPB)...⁴⁶

Discussões, preocupações e conquistas permearam toda a década de 1980 que culminou com a eliminação dos Estudos Sociais da formação do historiador. Isso aconteceu em meados desta década, e a partir daquele momento, a questão parecia ser pensar a organização do curso de História.

Nesse sentido, a proposta deste capítulo é refletir a partir das narrativas das professoras, o que era ser historiador, relacionando pesquisador /professor, bem como as preocupações acerca da formação oferecida. Para tanto, considere relevante fazer uma breve reflexão acerca de como as professoras recordam as discussões que realizaram a partir de

⁴⁶ GOMES, Joice Gonçalves. **Cursos de História /UFU. Formação acadêmica e profissionalização.** Monografia apresentada ao Curso de História /UFU, 2001. p. 4.

meados desta década, período em que elas começaram a pensar na reestruturação do curso que havia se constituído.

Assim, busquei pensar como se deu a discussão da ausência da pesquisa na formação do historiador, abordada por alguns autores. Neste sentido, o artigo da professora Déa Ribeiro Fenelon, intitulado *A formação do profissional de História e a realidade do ensino*⁴⁷ tem me servido de apoio para uma melhor compreensão desta questão. A problemática estava presente em conferências, debates de educação, encontros como a ANPUH - Associação Nacional do professores universitários de História - Segundo a professora Déa Ribeiro Fenelon,⁴⁸ a história ensinada estava pronta e acabada, cheia de verdades absolutas e dogmas tradicionais e rançosos, porque na verdade, para a maioria, a concepção de História é está mesma – de um passado morto. Raramente o aluno é colocado diante do problema de tentar conduzir qualquer investigação. Raramente aprende a fazer ciência, “a fazer História” – e “fazer História” significa lidar com a sociedade, objeto dinâmico, e em constante transformação, aprender a reconhecer seus próprios condicionamentos sociais e sua posição como agente e sujeito da História. O conhecimento é transmitido como já resolvido, restrito aos manuais, e certamente rotulado e transformado em saber cristalizado, que no máximo pode ser superado.

Concluindo está idéia, Fenelon diz que:

*... Por isto estamos insistindo na necessidade de não apenas valorizar, mas realmente começarmos a realizar a pesquisa e a produção, desde o curso de graduação e de todos os níveis de ensino...*⁴⁹

Fenelon também coloca que aparece nos manuais didáticos uma História pronta e acabada, demonstrando determinados conteúdos como verdade absoluta. Não se discute com os alunos que os livros trazem uma interpretação da realidade, em meio a outras também existente.

⁴⁷ FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. In: **Conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da ANPUH**, João Pessoa – julho – 1981. p. 7-19.

⁴⁸ FENELON, Déa Ribeiro. Idem. p. 19.

⁴⁹ FENELON, Déa Ribeiro. Idem. Ibidem.

A preocupação com a ausência da pesquisa acontecia em todos os níveis de ensino e não somente no curso de História da UFU, mas em todo país. Existia uma busca para que o ensino de História fosse superado, para deixar de ser visto como o estudo do passado, onde os alunos decoravam datas, grandes heróis e não conseguia se perceber enquanto sujeito histórico, e tão pouco relacionar a História como o estudo do próprio homem vivendo em sua sociedade.

As narrativas das professoras me permitem dizer que a questão, a partir daquele momento, era repensar a própria organização do curso, bem como refletir sobre as necessidades na formação do historiador.

A professora Heloísa recorda que após a eliminação dos Estudos Sociais, o desafio seguinte era refletir sobre o que era ser historiador, o que significava formar um historiador, e qual era o profissional que o curso de História desejava formar:

*... Depois quando nós ultrapassamos essa experiência dos Estudos Sociais, nós começamos a pensar no curso de História mesmo (...) Pensar num curso de História, num conteúdo de História, numa reflexão histórica, eu acho que isso naquele momento foi um avanço...*⁵⁰

Então, após a eliminação dos Estudos Sociais da formação dos historiadores, o passo seguinte para as narradoras foi pensar no Curso de História, com um conteúdo específico para esta formação, “independente” dos Estudos Sociais. Para além disso, a preocupação também estava em torno de discutir o que era ser historiador, porque a formação oferecida até aquele momento era voltada para a formação de professores, oferecendo o curso de Licenciatura em História.

A professora Maria Clara⁵¹ se recorda da ausência da pesquisa na formação do historiador, e faz algumas considerações a este respeito:

...A partir de meados de 84, 85, (...) começou um debate intenso sobre ah, é, que tipo de história nós queríamos, se era licenciatura

⁵⁰ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. In: Op. Cit.

⁵¹ MACHADO, Maria Clara Thomas. In: Op. Cit.

só, né? Começou uma discussão de que o professor pra ser professor tinha que integrar pesquisa e ensino. E eu me lembro que nós fizemos várias reuniões em Assembléias com os alunos e professores, nós íamos lá pra, pro Umuarama (...) passávamos lá, é, o dia inteiro, de manhã e de tarde. E discutimos que curso que queríamos, que perfil de aluno[queríamos] ...

Maria de Fátima⁵² atualmente coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em História –CDHIS - se recorda que, o currículo de Licenciatura Plena em História, era bastante incompleto, uma vez que deixava de lado a pesquisa na formação dos alunos:

...Não tinha pesquisa de forma alguma nem por parte dos professores e nem por parte dos estudantes...

Uma das grandes preocupações, em meados da década de 1980, era com a ausência da pesquisa na formação dos alunos. Esta ausência implicava a não reflexão do papel do historiador, bem como a falta de relação entre pesquisa e ensino. Podemos dizer que era inexistente a pesquisa nos cursos de História, bem como no ensino desta disciplina.

Desta forma, as narrativas das professoras do Curso de História coadunam com as discussões que aconteciam em outras cidades, embora cada narradora lembre daquele momento de uma maneira diferente.

Essas narrativas me permitem também dizer que o grande questionamento estava em torno de formação do historiador apto a lidar com a pesquisa, mas para isto era preciso necessariamente criar condições para o seu próprio ofício. Então, como tratar ou ensinar a produzir conhecimento histórico sem ter fontes, acervos, locais que possibilitem a leitura e a reflexão sobre a História e a produção do conhecimento histórico? Pensar em pesquisa na formação do historiador era também pensar sobre a própria estruturação do curso, e a escassez de tais ferramentas, essenciais à pesquisa.

⁵² ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos. In: Op. Cit.

Estas foram questões que possibilitaram a busca de organizar arquivos, museus, centros de documentação que não haviam na cidade de Uberlândia e muito menos em outras cidades na região⁵³.

Quando pensamos num processo de pesquisa sendo implantado, muitas coisas estão se articulando com ele, os profissionais buscando fazer suas qualificações, iniciando o contato com a sua prática, os alunos iniciando suas pesquisas, novos projetos sendo introduzidos, como a organização de um Centro de Documentação – CDHIS – tudo isto fazia parte do processo de organização do curso de História, um espaço de relações, buscas e investimento na própria qualificação do curso.

As narrativas orais destas professoras me permitem ainda dizer que os professores estavam se qualificando, vivendo um momento de aperfeiçoamento não apenas individual, mas que acontecia no geral, com os profissionais do Curso de História. A mesma década de 1980, que foi propícia ao aprimoramento destes professores, também permitiu a discussão do currículo vigente. Maria de Fátima destaca também outras mudanças importantes:

... Também foi constituído o Laboratório de Ensino e Aprendizagem de História, né? Que tinha uma preocupação de ir trabalhar com os professores da rede pública, melhorar a qualidade desses professores(...) Agora, foi um trabalho, assim, muito difícil, porque foi um trabalho de aprendizagem da universidade, né? Dos professores da universidade aprender fazer pesquisa, aprender se relacionar com a comunidade, né? Descobrir o que era importante e o que não era.

Com a introdução da pesquisa, foi constituído também o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História – LEAH – que dava apoio aos professores que estavam atuando no ensino, buscando contribuir de alguma maneira para a qualificação destes profissionais. Cada projeto era pensando com o intuito de tornar o curso cada vez melhor, o que não foi fácil, porque os professores estavam aprendendo, ao mesmo tempo.

⁵³ Levantamento realizado no CDHIS.

Ensino, pesquisa e extensão estavam sendo articulados, considerando-se que a pesquisa não aconteceria apenas dentro da academia.

Quando a professora Maria de Fátima faz a articulação entre o processo de qualificação do curso de História com a constituição do CDHIS e do LEAH está narrando aquilo que está diretamente relacionado com a sua experiência e com o que ela considerou importante, uma vez que esteve diretamente presente na implantação destes laboratórios, sendo significativo para ela lembrar daquele momento. Em contrapartida, a professora Maria Clara se recorda da constituição destes laboratórios de outra maneira:

... Eu trabalhei com a cidade de Uberlândia no Mestrado (...) e não havia na época [fontes documentais] só eu e Jane fizemos, foram as dissertações de história sobre Uberlândia, as primeiras que existiram. Então, as fontes documentais todas levantadas (...) primeiro foi por ela e depois por mim, ok? Então, por isso é que eu já virei fonte documental, tem gente que ao invés de me colocar na referência bibliográfica, me coloca na fonte documental.

A professora Maria Clara se recorda da organização da documentação sobre a cidade de Uberlândia ao se lembrar da busca realizada por ela, durante a pesquisa de Mestrado, que era sobre a cidade de Uberlândia. O trabalho da professora Maria Clara foi um dos primeiros a focar a cidade de Uberlândia, o discurso sobre o progresso e a trabalhar com dados e fontes, relativas à cidade e região. Assim, está se falando da qualificação dos profissionais que começou a ocorrer nesta universidade e no Curso de História, bem como da formação do pesquisador/professor.

A professora Maria Clara se considera uma das primeiras organizadoras da documentação da cidade de Uberlândia, juntamente com a professora Jane de Fátima Silva Rodrigues que também escreveu sua dissertação de Mestrado sobre a cidade de Uberlândia.

A partir das narrativas das professoras Maria Clara e Maria de Fátima foi possível perceber os diferentes modos de lembrar a organização da documentação da cidade de Uberlândia. Cada uma se recorda daquele momento a partir das suas vivências e também através daquilo que consideraram importante lembrar.

As narrativas das professoras Maria Clara e Maria de Fátima apontam para a participação das mesmas na organização de acervos documentais sobre a cidade, embora de modos diferentes, enquanto Maria Clara a recorda a partir da sua dissertação de Mestrado, a professora Maria de Fátima a associa a qualificação dos professores.

A partir das narrativas das professoras, podemos dizer que a busca pela introdução da pesquisa no curso de História coadunava com as discussões que aconteciam no país. Segundo elas, os professores do curso de História discutiam a necessidade da introdução da pesquisa na graduação e também buscavam desconstruir a idéia de que o professor era um profissional menor. Com a prática da pesquisa, o professor seria um historiador, um pesquisador, para depois atuar no ensino.

Segundo a professora Heloísa⁵⁴ além da busca por um Curso de História que aliasse ensino e pesquisa, havia outras inquietações por parte dos professores:

... O que preocupou muito a gente e isso foi nos anos 90, né? Já o que preocupava muito a gente é aquela idéia de que o professor é um profissional [menor] e o que nós queríamos com esse curso é mostrar pras pessoas que não é, que ele não é um profissional menor, porque ele não é só professor, ele é historiador antes de ser professor e ser historiador é ser professor, é ser pesquisador, é ser tudo ao mesmo tempo, é ser um crítico da realidade ao mesmo tempo...

A preocupação da professora Heloísa era também a valorização do profissional de História, do historiador no exercício do seu trabalho. A prática da pesquisa possibilitaria ao historiador pensar o seu ofício, sendo possível romper a idéia que se tinha da disciplina de História, como o estudo do passado, com as suas verdades absolutas, onde o aluno apenas decorava datas e grandes feitos. Sua narrativa me permite pensar que, com a pesquisa, o historiador seria um crítico da realidade, capaz de questionar a sociedade em que vivemos, bem como desenvolver projetos de pesquisa. A partir de seu depoimento pude perceber a discussão sobre pesquisa/

⁵⁴ CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. In: Op. Cit.

ensino e a preocupação com a formação do historiador que acontecia em todo país.

Quando a entrevistada diz que esta preocupação aconteceu na década de 1990, acredito que seja no início desta década, tendo em vista que estas discussões aconteceram antes da reformulação curricular de 1991.

O que se buscava na formação dos alunos do curso de História entre meados da década 1980 e início da década de 1990 era que o profissional de História fosse antes um pesquisador, para depois ser professor. Considerava-se que a pesquisa não se dissocia da prática da sala de aula.

A década de 1980 se distingue como um período de inovações e muitas mudanças. A ausência da prática da pesquisa passa a ser vista como uma carência na formação do historiador. Outro fato que pode ter possibilitado estas discussões, foi um grande investimento na qualificação dos professores. Isto aconteceu após a eliminação dos Estudos Sociais.

Todas as professoras entrevistadas falaram do processo de qualificação que elas e seus colegas vivenciaram, embora cada uma encarasse esse processo de maneira diferente. Para a professora Maria Clara⁵⁵, obrigar a idéia da pesquisa significava:

“... A própria qualificação dos professores, porque todos nós que estávamos fazendo o Mestrado, o Doutorado, esse Departamento se qualificou num curto período de tempo muita a custa dos professores, por exemplo, saía um professor, o outro pegava a disciplina dele ou as disciplinas eram repartidas pra este professor sair pra poder fazer o seu Mestrado, o seu Doutorado. Então, esse curso que nós temos aí, que já estamos questionando de novo, né? É um curso fruto de muita luta, de muita discussão, e uma conjunta de alunos e professores, na época.

Esta narrativa da professora Maria Clara indica que as condições apontadas para que a formação do historiador se tornasse possível giravam em torno da idéia de “obrigação” no tocante à elaboração da pesquisa objetivando qualificar os professores, bem como a formação do historiador.

⁵⁵ MACHADO, Maria Clara Tomaz. In: Op. Cit.

Pude perceber também o próprio reconhecimento da necessidade, por parte da professora Maria Clara e dos demais professores, em buscar a qualificação via Pós-Graduação, através do Mestrado ou Doutorado.

Para que o curso pudesse formar professor/pesquisador foi preciso a própria capacitação de muitos professores do curso, que até aquele momento não tinham contato com a prática da pesquisa e, se a grande preocupação era formar pesquisadores, seria preciso que os próprios professores também comesçassem a fazer pesquisas, ou seja, se tornassem pesquisadores. Por isso a professora Maria Clara diz que a introdução da pesquisa na graduação implicou a própria qualificação dos professores. Estes deveriam começar a fazer pesquisa, para que pudessem orientar seus alunos, dando início ao processo de pesquisa que deveria acontecer rapidamente, acompanhando as necessidades da formação dos profissionais de História.

Segundo a professora Maria de Fátima⁵⁶, a partir do momento que foi implantado um currículo específico para o Curso de História, houve também, um maior investimento na qualificação dos seus profissionais:

... E isso foi muito bom [a formação do currículo específico do curso de História], a partir daí houve um investimento muito grande na qualificação dos professores. Teve início um processo de pesquisa, né? Por que a qualificação era justamente para os professores tirarem, fazerem a sua titulação, né? Fazerem Mestrado e darem início ao processo de pesquisa, né? A prática da pesquisa. Então, foi constituído o CDHIS, né? Que é o Centro de Documentação e Pesquisa em História. Logo um grupo de professores, né? É, fez um trabalho de levantamento fotográfico da cidade de Uberlândia. Constituindo um acervo ótimo, né? De fotografar sobre Uberlândia que tá lá no CDHIS...

A professora Maria de Fátima chama a atenção para a questão curricular e o investimento na qualificação e na criação de Centro de Documentação, como foi discutido anteriormente. A narradora também se recorda de um trabalho de levantamento fotográfico da cidade de Uberlândia. Este trabalho foi um projeto desenvolvido nos anos de 1980,

⁵⁶ ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos. In: Op. Cit.

sob a coordenação das professoras Maria Clara e Heloísa, desenvolvido por elas e também pelos funcionários do Centro de Documentação. Esta pesquisa tinha como foco fazer um levantamento fotográfico da cidade de Uberlândia. Assim estas professoras selecionaram algumas casas e monumentos que constituíram tal acervo.

Assim, cada narradora recordou do processo de qualificação dos profissionais de história de maneira diferente, de acordo com aquilo que elas vivenciaram e selecionaram como sendo importante. A professora Christina Lopreato⁵⁷ considerou a abertura da universidade para concursos públicos, marcante para que se iniciasse o processo de qualificação dos professores, possibilitando então, uma mudança no Curso de História:

... Começava os concursos (...)Então, eu acho que essa coisa de abertura da universidade pra concurso público, fez com que ampliasse um pouco, e possibilitasse a circulação de novas pessoas, novas idéias...

Quando a professora Christina se recorda de como significava implantar um Curso de História diferente do de Estudos Sociais, considera a abertura da universidade para concursos públicos um elemento que influenciou sua melhoria, uma vez que trazia outras pessoas, com outras idéias.

A professora Christina diz que os professores do curso de História, incluindo ela, vivenciaram grandes avanços:

... Acho que a gente tem feito grandes avanços, grandes progressos, principalmente a partir da qualificação, acho que foi um grande investimento... Do Instituto de história de qualificar as pessoas...

Analisando esta narrativa e comparando-a com as outras, percebo que existem concepções diferenciadas em torno do tema qualificação.

⁵⁷ LOPREATO, Christina da Silva Roquete. In: Op. Cit.

Segundo Alessandro Portelli⁵⁸ as experiências dos indivíduos se dão no social, mas cada um assimila de acordo com aquilo que ele vivencia. Para além disso, não podemos falar também em uma verdade, porque cada pessoa tem um referencial diante de um fato. Dessa maneira, podemos dizer que existe um ponto em comum nas narrativas das professoras entrevistadas, ao dizer que houve um processo de qualificação no curso de História. Entretanto, cada narradora vê este processo de maneira diferenciada.

Analisando a entrevista da professora Heloísa, percebo que ela não fala propriamente da qualificação dos próprios professores, mas é perceptível em sua narrativa que houve uma maior abertura para discussão do próprio curso, da sua grade curricular, das lacunas existentes, como a ausência da própria prática da pesquisa. Ela fala das preocupações que ela e seus colegas tinham quanto à formação oferecida aos alunos, questionava-se muito, sobre o que se pretendia buscar com a formação daquele momento, após a eliminação dos Estudos Sociais.

Segundo a professora Maria Clara, o Instituto de História se qualificou em pouco tempo, e isso aconteceu graças aos próprios professores que estavam buscando fazer o Mestrado, e o Doutorado. Para isto, uns ajudavam os outros e, para que um professor pudesse fazer sua pós-graduação, um colega assumia as disciplinas destinadas a ele. Ou então, as disciplinas deixadas eram distribuídas entre os professores que ficavam. Obviamente que estes professores ficavam sobrecarregados, pois além de ministrar as suas disciplinas, tomavam para si as atribuições dos “colegas”, que se afastavam momentaneamente do curso para efetivarem a qualificação. Entretanto, era uma maneira encontrada pelos professores do Instituto para apoiar a qualificação dos profissionais do Curso de História.

Ao falar da qualificação, Maria Clara defende a idéia de que os professores buscaram essa qualificação. Foi uma vivência dela assumir disciplinas para que outros pudessem fazer suas qualificações.

⁵⁸ PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos e história Oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. Op. Cit.

Para a professora Maria de Fátima depois que foi instituído o Curso de História, houve um investimento na qualificação dos professores. A partir daí inicia-se um processo de pesquisa, os professores começaram a fazer o Mestrado. A entrevistada não faz referência a respeito da qualificação ter acontecido com a ajuda dos professores, como disse Maria Clara. Isto aconteceu justamente por não ter sido uma experiência vivida por ela. A professora Maria de Fátima encontrou obstáculos em busca da qualificação pois, quando foi fazer o Mestrado na UNICAMP, não conseguiu a “liberação”. Então, a referida docente teve que cursar o Mestrado e, ao mesmo tempo, continuar lecionando no Curso de História. Por isto, Maria de Fátima viajava até Campinas e retornava à Uberlândia, o que exigia maior esforço e dedicação, em comparação com os professores que foram liberados para fazerem seus cursos:

... Me candidatei pra fazer o Mestrado(...) fiz uma seleção em Campinas na UNICAMP, passei, é, no final de 1981(...) mas eu não fui liberada pra fazer o curso, então, eu fiz o Mestrado viajando daqui pra lá, pra Campinas, né? Na Unicamp.

As narrativas das professoras me permitem dizer que a partir da implantação de um Curso de História específico, abre-se caminho para novas discussões e a mais significativa era questionar a formação oferecida pelo curso naquele momento, onde a ênfase estava na formação de professores, sem que fosse levado em consideração a prática da pesquisa.

Questionar esta formação, bem como discutir qual era o profissional que o curso de História desejava formar, levou os professores a perceber a grande lacuna existente no currículo de Licenciatura em História, refletida na ausência da pesquisa para a formação dos alunos.

Analisando as entrevistas realizadas consegui apreender que havia uma busca da prática da pesquisa por parte destes profissionais, onde eles discutiriam conjuntamente com os alunos a própria sociedade em que vivemos. O que se buscava era formar um profissional crítico, que aliasse a prática da pesquisa à sala de aula, assim os historiadores teriam

capacidade para atuar tanto na área de pesquisa, quanto no ensino. Estes profissionais seriam historiadores, ou seja, pesquisadores e professores.

Os professores buscaram conjuntamente pensar o que era ser historiador, refletiram sobre a formação oferecida e qual era formação desejada. Discussões e preocupações se faziam presente a todo momento no Departamento de História.

A professora Christina se recorda que na ocasião que a professora Heloísa propôs as discussões para a reformulação do currículo do curso de História, ela estava se afastando pra fazer o Doutorado. Quando ela retorna para o curso, uma nova grade curricular havia se configurado.

Todas estas discussões que foram sendo realizadas gradativamente, acompanharam uma proposta de reformulação do currículo do curso de História. A professora Heloísa se recorda destas discussões, falando dos objetivos daquele momento:

... Primeiro o aluno faz Bacharelado e depois ele complementa com a Licenciatura, isso trazia em si um princípio, que eu acho que era o que mais nos interessava no momento (...) [a capacidade de] raciocínio crítico, de levar os alunos e professores a refletirem conjuntamente sobre o que é ser um sujeito histórico, como ver a realidade na qual a gente se insere, não é? Que relação isso traz pra nós, como nós podemos, inclusive, pensar as nossas ações, né? As nossas atividades, não é? (...) Quando o aluno faz Bacharelado primeiro, depois ele faz Licenciatura, quando todos os alunos têm que fazer monografia e não só os alunos do Bacharelado, sê vê, decisões importantes, são caminhos que a gente foi buscando pra conseguir pensar o que que é ser historiador e não o que que é ser professor de História, separado...

Toda a discussão realizada nas décadas de 1980 e 1990 culminou com a implantação da obrigatoriedade do Bacharelado em História para a formação de um bom profissional desta área. Neste período, as reflexões e discursos baseavam-se na idéia de que o ensino e a prática da pesquisa deveriam caminhar juntas, uma vez que não se dissocia o exercício do pesquisador com o dia-a-dia do professor.

Existia uma preocupação para que todos aqueles que faziam parte do curso de História, percebessem a articulação entre ensino e pesquisa.

Os alunos deveriam perceber a importância da pesquisa para a sua formação enquanto professores. A prática da pesquisa não aconteceria apenas dentro da universidade, mas seria um exercício que se tornaria um instrumento para atividade cotidiana do professor de História. A formação do profissional de História passa a ser pensada como indissociável da prática da pesquisa.

A última reestruturação curricular do Curso de História ocorreu em 1991. Até o início da década de 1990, a formação do profissional de História da Universidade Federal de Uberlândia era voltada principalmente para a formação de professores, sem que fosse levada em consideração a importância da pesquisa para a formação destes profissionais. No entanto, a partir destas discussões realizadas neste período, foi sendo questionada esta formação do professor. Neste momento, a questão fundamental era a introdução da pesquisa, ou seja, da Monografia, como pré-requisito para a formação dos professores de História da UFU.

A partir destas discussões, a professora Maria Clara coloca que o curso de História ficou estruturado da seguinte forma: para fazer Licenciatura, o aluno precisa fazer primeiro o Bacharelado:

*... Então, foi discutido[que] o perfil de um aluno seria [aquele com] uma inserção na sociedade, um aluno que, é, fosse crítico da realidade, um aluno que, é, pudesse lutar por mudanças sociais. E, a partir daí é que se estabeleceu os cursos de graduação em História e amarramos de tal forma que o aluno pra sair professor de licenciatura, ele tinha que fazer o Bacharelado senão, né? Eu até questiono um pouco isso hoje, mas era uma forma de você obrigar a idéia da pesquisa...*⁵⁹

Segundo a professora Heloísa⁶⁰ um ponto positivo do curso de História, foi ter conseguido unir Bacharelado e Licenciatura. Para ela a prática da monografia é um elemento fundamental para a formação do profissional de História:

⁵⁹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Op. Cit.

⁶⁰ CARDOSO, Heloísa, Helena Pacheco. Op. Cit.

... Não consigo pensar um curso de História que não tenha um trabalho de monografia feito pelo aluno, pra ser defendido como o trabalho do final do curso, porque é nesse momento que o aluno se coloca, tá? É nesse momento que ele tem a oportunidade de falar de todo o procedimento da História, das reflexões que ele foi acumulando...

Como foi apontado na entrevista realizada com a professora Heloísa, o papel do curso é formar o historiador, pois assim ele será capaz de ser pesquisador e/ou professor. Sem isso, o curso perde o seu fio condutor que é pensar o que é ser historiador e o que significa isso na nossa prática cotidiana. Diante disso, se atribuí à importância da união entre Bacharelado e Licenciatura.

A formação do professor é indissociável da prática da pesquisa. Nesse sentido, professores e alunos não devem pensar pesquisa e ensino como compartimentadas, e sim articular a importância da pesquisa para a formação do professor.

Portanto, pensando na formação oferecida pelo Curso de História nos dias atuais, onde os alunos precisam primeiro cursar o Bacharelado, ter contato com a prática da pesquisa para depois ser professores, ou seja, precisam produzir uma monografia para conclusão do curso, busquei perceber nas narrativas das professoras se ainda é preciso mudar alguma coisa.

A narrativa da professora Heloísa me permite dizer que a estrutura de curso que temos hoje é positiva, embora não esteja perfeita:

... Eu continuo achando até hoje que essa estrutura que nós temos aí é positiva, né? Nós temos problemas? Temos, não vamos chegar nunca a uma estrutura perfeita, né? ... Então eu continuo achando que a estrutura de curso que nós temos aí, ainda é positiva. Precisa de ajustes? Sim, mas que ela é positiva.

Segundo a professora Heloísa a estrutura do Curso de História, embora seja positiva, precisa ser repensada. Ao final da entrevista, ela faz algumas considerações importantes sobre o Curso, dizendo que está preocupada com a reforma que está vindo:

... Eu gostaria de registrar só que eu tô muito preocupada com essa reforma que vem por aí, com relação às 800 horas (...) Eu ainda não consegui perceber onde essa reforma vai dar e eu até esse momento, tô pensando que essa reforma pode nos prejudicar, 800 horas é, num curso de Licenciatura ou Bacharelado, não importa, é por demais, tá? (...) Estamos preocupados com o historiador, tem algumas coisas que a gente não consegue resolver, que ultrapassa a nossa vontade, que é o caso das disciplinas pedagógicas, não é? Elas são determinadas por lei, pra que o aluno tenha o seu diploma registrado, elas têm que tá lá, tem que ter carga horária mínima, tudo isso tem que ser seguido...

A professora Heloísa demonstra uma grande preocupação com a mudança que precisa ser feita no curso de História, a partir da reforma promovida pelo governo no ensino superior, onde os cursos de Licenciatura precisam ter 800 horas de carga horária. Segundo a professora, não foi possível ainda perceber como esta imposição pode melhorar a graduação:

... Não consegui perceber ainda como que isso pode nos ajudar, tá? De qualquer forma, nesse momento eu acho que vai afetar negativamente...

Assim, novas discussões já estão acontecendo neste curso. Novamente se faz necessário mais uma reformulação, a professora Maria Clara não deixou de mencionar esta questão:

... Esse curso que nós temos aí, que já estamos questionando de novo...

Analisando a entrevista realizada com a professora Maria Clara, pude perceber que ela considera o atual Curso de História fruto de muita discussão, de muita luta, não só dos professores, mas também dos alunos. Também comenta que, novamente, a estrutura curricular do Curso está sendo questionada, deixando transparecer que a sua maior preocupação gira em torno da nova transformação à qual o curso de História está sendo submetido, que, entre outros aspectos vislumbra a possibilidade da implementação de mais 500 horas nas disciplinas pedagógicas.

Mais uma vez se faz necessário repensar o Curso de História, não só buscando a excelência da formação acadêmica, mas também no tocante ao enquadramento do mesmo às legislações vigentes. Novas discussões e

diferentes preocupações permeiam o curso de História da Universidade Federal de Uberlândia. Com efeito, a grande questão que fica para nós hoje é: como ficará o curso de História no ano 2006?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resultou da reflexão sobre as narrativas das professoras Heloísa, Maria Clara, Maria de Fátima e Christina Lopreato acerca das suas lembranças sobre o processo de organização do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia. Assim foi possível perceber os diferentes caminhos e significados deste processo valorizando os sujeitos que fazem parte deste curso, sendo ele um espaço social construído nessas ações, nessas relações e diferentes modos de lembrar.

A partir do que as professoras lembraram, fui buscando leituras que me ajudaram a compreender melhor o que elas disseram. Assim as narrativas orais me permitem dizer que o curso de História surgiu em 1964 no âmbito da Faculdade de Filosofia, década em que várias faculdades surgiram autônomas, antecedendo à federalização da universidade. Depois, na década de 1970, estas faculdades isoladas tornaram-se federais. Para além disso, este mesmo período marca a redução dos cursos de História a um item dos Estudos Sociais. Depois de muita discussão elimina-se os Estudos Sociais da formação dos historiadores e o curso de História torna-se “independente”. A grande questão estava em torno de pensar qual era o profissional que o curso desejava formar, porque começava também uma preocupação com a ausência da pesquisa nos vários níveis de ensino. Depois dessa discussão, a formação oferecida pelo curso não era mais exclusiva para a formação de professores e sim de pesquisadores/professores. Cada fase deste curso foi pensada a partir das lembranças das historiadoras. Segundo elas, o processo de estruturação do Curso foi fruto de muitas lutas.

Pensar este curso no jeito de lembrar destas narradoras significou pensá-lo como um espaço de relações, lutas e conflitos. Assim foi possível valorizar os sujeitos que fazem parte dele, assim como eu e todas as pessoas que passam pelo mesmo. Foi maravilhoso ouvir estas narradoras lembrando das mudanças pelas quais o curso passou ao longo do tempo. Considerar estes modos de recordar, me levou a refletir minha própria

formação enquanto historiadora e o grande papel que este curso tem de formar não apenas profissionais, mas principalmente no que se refere à formação pessoal, ou seja, na reflexão para a vida.

Acreditando que uma pesquisa nunca está pronta e acabada, gostaria de ter explorado mais as narrativas orais, e assim contribuir melhor com as discussões acerca da metodologia de história oral, fonte de pesquisa extremamente importante para o historiador, uma vez que possibilita dentre várias coisas, uma maior valorização dos sujeitos sociais.

Trabalhar com narrativas exige uma cautela e uma sensibilidade muito grande por parte do pesquisador. Neste sentido, a sutileza das narrativas advindas dos entrevistados enseja uma tênue dificuldade em apreendermos mais profundamente o teor subjacente às respectivas narrativas. Assim, corremos o risco de deixar passar despercebidos alguns acontecimentos que nos interessa muito saber e, que, no entanto, foram narrados de outra maneira, cabendo ao historiador interpretá-los, bem como buscar estes diferentes significados. Nesse sentido, gostaria de realizar novas entrevistas e aprofundar minhas reflexões em torno desta fonte de pesquisa.

Gostaria de ter aprofundado também outras questões, como pensar o curso de História, surgindo em 1964, em plena ditadura militar, enfocando as maneiras de lembrar de professores, bem como os dilemas enfrentados.

Outra grande questão apontada nesta pesquisa foi pensar a formação do historiador inserido no curso de Estudos Sociais, como seqüela da ditadura militar. Nesse sentido, gostaria de ter aprofundado melhor esta discussão, bem como refletir os interesses que estão por trás desta postura como, por exemplo, a redução de uma formação que poderia ser “perigosa” para a reflexão, mas não perdendo de vista as narrativas de historiadores que vivenciaram esta realidade, sendo eles os principais afetados por aquela formação.

Devido à própria limitação da pesquisa não foi possível, dentre outras coisas, refletir mais profundamente a discussão que acontece dentro do

curso de História neste ano de 2005, onde a comunidade prepara-se para mais uma reformulação do curso.

As narrativas me permitem dizer que a maneira como este curso está organizado nos dias atuais é fruto de muita luta e muita discussão. Nesse período de existência o lembrar significa resistir.

FONTES

NARRATIVAS ORAIS

Entrevista realizada com a professora Heloísa Helena Pacheco Cardoso, em Uberlândia, no dia 29 de outubro de 2004 para o projeto PIBEG. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professora do curso desde 1973.

Entrevista realizada com a professora Maria Clara Tomaz Machado, em Uberlândia, no dia 23 de agosto de 2004 para o projeto PIBEG. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e diretora da Editora da UFU (Edufu). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora do curso desde 1976.

Entrevista realizada com a professora Maria De Fátima Ramos de Almeida, em Uberlândia, no dia 21 de setembro de 2004 para o projeto PIBEG. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora do Centro de Documentação da História (CDHIS). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora do curso desde 1978

Entrevista realizada com a professora Christina Roquette Da Silva Lopreato, em Uberlândia, no dia 20 de outubro de 2004 para o projeto PIBEG. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora pela UNICAMP. Professora efetiva do curso desde 1984.

ARTIGOS PRODUZIDOS NOS ENCONTROS NACIONAIS E REGIONAIS
DA ANPUH

FENELON, Déa Ribeiro. A questão de Estudos Sociais. In: Zamboni, E.(org). **A Prática do Ensino de História**. Cadernos CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade. 4ª. ed. São Paulo, Papirus, 1994.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. In: **Conferência pronunciada no XI Simpósio Nacional da ANPUH**, João Pessoa – julho – 1981.

PINSKY, Jaime (org). **O Ensino de História e a criação do fato**. 2^a.ed. São Paulo, Contexto, 1990.

SILVA, Marcos Antônio Da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

SILVA, Marcos Antônio Da. Balanços e perspectivas. In: SILVA, Marcos Antônio Da (org). **Repensando a história**. São Paulo Marco Zero, 2^a ed, 1980.

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CABRINI, Conceição. CIAMPI, Helenice. VIEIRA, Maria Do Pilar. PEIXOTO, Maria Do Rosário. BORGES, Vavy Pacheco. (orgs). **O Ensino de História**. 3ª. Ed. Brasiliense, 1987.

CAETANO, Coraly Gará e DIB, Miriam Michael Cury, eds. **A UFU no imaginário social**. Universidade Federal de Uberlândia, 1988.

CALVO, Célia Rocha. Cultura e cidade: Uberlândia, espaços, memórias e vivências. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz. PATRIOTA, Rosângela. (orgs). **Histórias e Historiografias: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

_____. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto De. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e História Social: Perspectivas de investigação. In: **História e Historiografia**. Revistas do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/ SP. São Paulo, 1981.

_____. CRUZ, Heloísa Faria. PEIXOTO, Maria Do Rosário Cunha. Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto De. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Campinas, SP: Papyrus, 1993. (Coleção Magistério, Formação e trabalho pedagógico).

_____. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

GOMES, Aguinaldo Rodrigues. NETTO, Miguel Rodrigues de Souza. WARPECHOWSKI, Eduardo Moraes. (orgs). **Fragmentos imagens memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: EDUFU.

GOMES, Joice Gonçalves. **Cursos de História/UFU. Formação acadêmica e profissionalização**. Monografia apresentada ao Curso de História/UFU, 2001.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto De. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004.

MACHADO, Maria Clara Thomas. PATRIOTA, Rosangela. (orgs). **Histórias e Historiografias: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia: EDUFU.

NIKITIUK, Sonia Maria Leite. (org). **Repensando o Ensino de História**. 4ª.ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção da nossa época; v. 52).

PORTELLI, Alessandro. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. Tradução de Helen Hughes e Yara Aun Khoury. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto De. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004.

_____. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos e história Oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas**. Revistas dos cursos de Graduação e do programa de Pós-Graduação em História da UFU. Uberlândia. EDUFU, 2001/2002.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luta e senso comum. In: FERREIRA, Marieta De Moraes. AMADO, Janaína. (orgs). **Usos e abusos e abusos da história oral**. 2ª.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.